

Fábulas Botânicas

ANA PAULA ARENDT



Com aquarelas científicas da artista Lúcia Antunes



Fábulas Botânicas

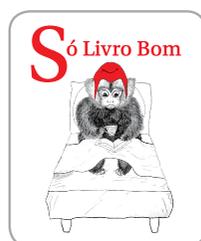
ANA PAULA ARENDT



Com aquarelas científicas da artista Lúcia Antunes

1ª. edição

São Paulo



Só Livro Bom Editora
R. Barão de Itapetininga, 273-06°K
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

Impresso em São Paulo, em maio de 2020.
Ilustrações de aquarelas científicas: Lúcia Antunes
Diagramação: Só Livro Bom Editora
Revisão: Francisco Merçon
Edição: Só Livro Bom Editora
CNPJ 26.031.813/0001-32
Inscrição Estadual 118.501.581.117
R. Barão de Itapetininga, 273-06°K
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

Junho de 2020.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arendt, Ana Paula
Fábulas botânicas / Ana Paula Arendt ;
[ilustrações Lúcia Antunes]. – 1. ed. – São Paulo :
Só Livro Bom Editora, 2020.

ISBN: 978-65-990855-0-5

1. Botânica 2. Fábulas - Literatura infantojuvenil. 3. Plantas -
Literatura infantojuvenil I. Antunes, Lúcia. II. Título.

20-35084

CDD-028.5

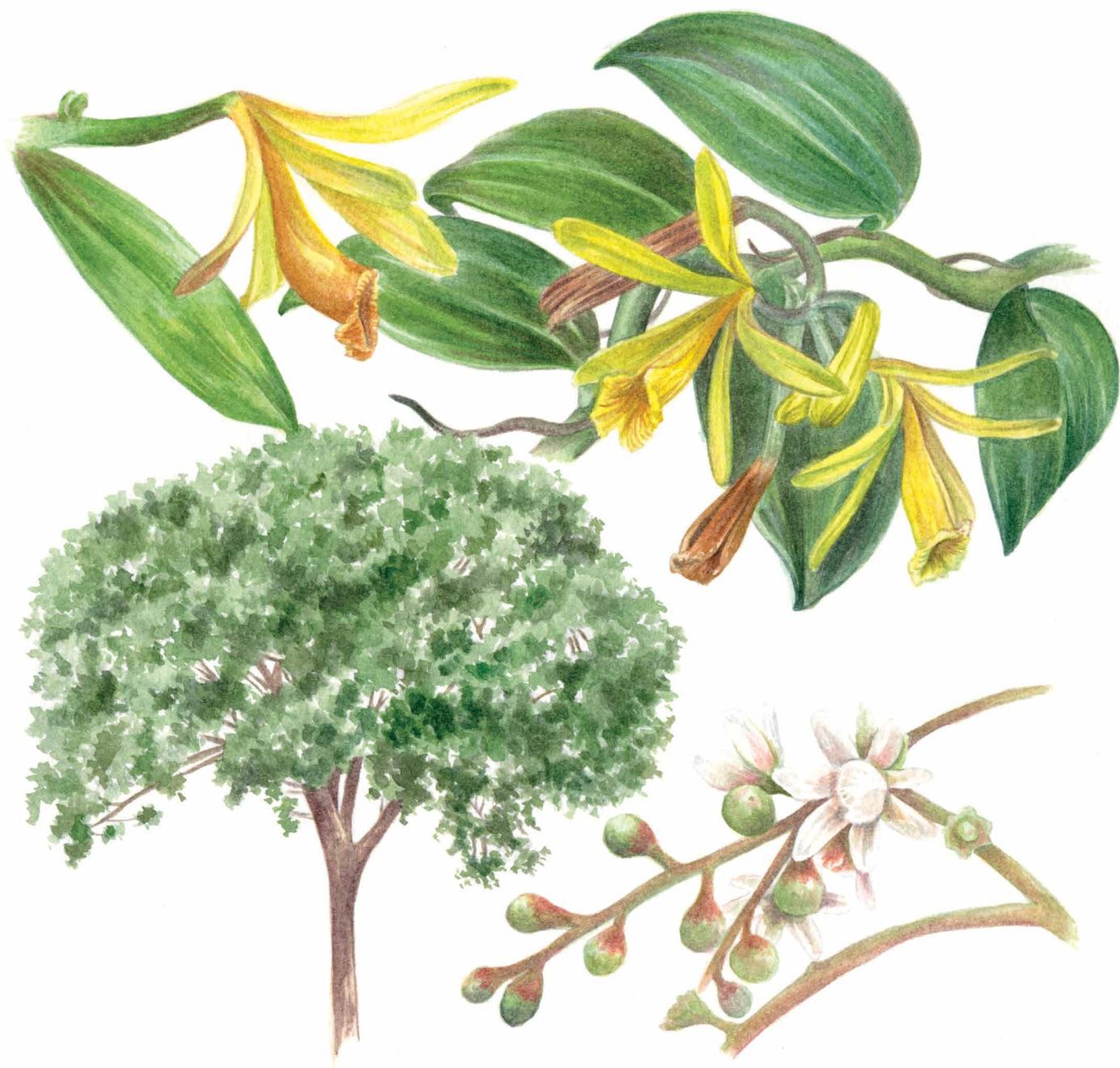
Índices para catálogo sistemático:

1. Fábulas : Literatura infantil 028.5
 2. Fábulas : Literatura infantojuvenil 028.5
- Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Para meus filhos, sobrinhos, aos
amigos amados e aos corações de criança,
estas fábulas bem brasileiras.

Sumário

1. O jequitibá e a orquídea de baunilha	7
2. O feijão e o milho	8
3. Estrelas de carambola	11
4. O reinado da árvore de urucum	12
5. O pé de jasmim sem flores	15
6. A folhagem brasileirinha	17
7. O jambeiro descomunal	20
8. O casal de paus-brasis	23
9. As videiras intrépidas e o capim	25
10. O trigo que não queria perder a casca	28
11. O pé de alface, o pé de couve e a cenoura	31
12. O jambu gratuito	32
13. O salgueiro-mãe e suas sementes	35
14. O lírio d'água e a rosinha de jardim	36
15. O abacateiro indeciso	39
16. As aulas do almíscar místico	41
17. Os beijos-de-frades e as onze-horas	44
18. Os irmãos ipês-amarelos	46
19. A quinua e o milho verde	48
20. As cerejeiras açucaradas	51
21. A vitória-régia	52
22. As árvores que demandavam o desmatamento da floresta	55
23. O túnel mágico das fícus	56
24. Evólculo apaixonado	61
25. A figueira ingênua	63
26. O uirapuru e a caliandra	67
27. A figueira fascinante	70
28. O abricó-de-macaco e a jabuticabeira	75
29. O abricó-de-macaco e a oliveira	78
30. O casamento entre a oliveira e o abricó-de-macaco	83
31. O cravo e a rosa	86
32. A bougainville que não queria ser podada	89
33. Bougainville e Flamboyant	92
34. Abio peixe, índio estrela	95
35. A jabuticabeira de Natal	99
36. Fita azul e fita vermelha	103
37. Fábula do esquecimento	106
38. As seringueiras do circuito	111
39. A capuchinha imanente	115
40. A paineira persistente	116



O jequitibá e a orquídea de baunilha

No meio do mato, o alto jequitibá disse à baunilha.

— Ó, pequenina orquídea, como deve ser triste viver sempre à beira do tronco dos outros. És quase uma parasita, baunilha-orquídea! Não serves para muita coisa. Só podes viver onde eu esteja, grudada a meu tronco robusto e espesso. E mal tens flores! Tenho pena de ti!

A orquídea ficou em silêncio, envergonhada. Ela sabia que só colhia a água da chuva, e não a seiva do jequitibá. Era uma flor, não um parasita. Estava ali apenas pelo vento...

Veio o homem, e impressionado com jequitibá tão garboso, cortou-lhe no toco para fazer belas cadeiras! Que beleza! Faria cadeiras ornadas de pés de águia e de cabeceiras de concha, bem lustradas, para a mocinha sentar. Quando o serrador foi cortar a ponta do galho, para acertar o tronco de madeira, viu a orquídea com favas. Talvez servisse para algo? Levou-a para a esposa.

A mulher do serrador, que gostava muito de plantas, toda contente, celebrou.

— Uma orquídea de baunilha! Não dá muitas flores, mas dá preciosas favas. Ó, pobrezinha. Vou replantá-la. Teremos creme de sonho, bolo e sorvete o ano inteiro. Dela farei várias e várias mudas para todos os nossos amigos!

Ornando a casa num vaso de cerâmica azul celeste florido, e satisfeita de alegrar as crianças com seu sabor, viajou de casa em casa, por várias cidades e países, com suas mudas. A orquídea modesta olhou com dó no coração a cadeira de jequitibá, tão imóvel... Mas ele deveria ter orgulho de si mesmo: o homem tinha razão de cortá-lo, pois de fato, cortado era mais útil.

Moral da história:

Quanto mais alto e orgulhoso, maior é o tombo.

O feijão e o milho

O semeador, no início da primavera, passou com seu trator, revolveu a terra para ficar bem fofa, e jogou um monte de sementes de milho de boa qualidade. As pequenas plantinhas nasceram, aguardando ávidas pelas chuvas de outubro e de novembro, quando a terra ganha um cheiro especial de petricor e quando suas raízes podem crescer no solo encharcado.

Pouco antes das chuvas torrenciais, contudo, veio o semeador novamente e jogou várias sementes de feijão ao lado das plantinhas de milho, que reclamaram:

— Céus! Somos amigos, mas como teremos espaço para crescer, com todos esses feijões enroscando em nossos caules?

Alguns pés de milho disseram que não se misturariam, no máximo seriam vizinhos. Afinal, a amizade deles com os feijões não era tão grande assim. O semeador ouviu o protesto e não semeou feijão junto com os pés de milho que reclamaram.

Nos pezinhos de milho que não reclamaram, os feijões se enroscaram, de modo que foram crescendo juntos. Faziam cócegas! Os pés de milho amigáveis se habituaram à graça das suas folhas delicadas e à agilidade de suas gavinhas. Contentes com a boa amizade, os pés de milho ajudavam os feijões a ficarem de pé, pois as hastes daquela leguminosa são finas e delicadas para se sustentarem apenas por si mesmas. Eles apreciavam muito a deliciosa amizade, pois as raízes dos feijões tornavam o solo menos duro e compacto, deixando sua vida mais fácil e confortável.

Veio a colheita, quando a família do semeador recolhia a plantação com a colheitadeira. Mas o semeador lembrou aos seus parentes:

— Não cortem os pés de milho que cresceram junto com os feijões, pois estes ainda não deram suas favas! Recolham apenas quando as espigas estiverem com os grãos bem dourados, depois que os feijões tenham produzido todas suas favas e estejam secos e prontos para a colheita naturalmente, com a estação de estio.

— E os pés de milho que não cresceram junto com os feijões?

— Estes são milho-verde, podem ser vendidos antes do tempo. Passem a colheitadeira por cima de todos, separem os sabugos e queimem a palha.

Assim, os pés de milho amigáveis ficaram contentes de viver muitos meses a mais, contemplando a plantação, graças ao seu casamento feliz com os feijões. Os pés de milho-verde, no entanto, foram vendidos a um preço bem barato.

Moral da história:

O consórcio entre parceiros é duradouro e produz mais frutos quando a amizade é verdadeira.





Estrelas de carambola

Uma árvore sonhadora estava crescendo. Tinha as mais perfeitas folhas, de espessura finíssima, tão perfeitas e simétricas que pareciam traçadas pelas mãos de um artista divino. Quando o vento as agitava sob o sol, a luz rutilava. Todas as plantas murmuravam de admiração: — Que magnífica!

Perguntaram a ela que tipo de fruto ela gostaria de dar: maçã, a fruta que muitos dizem ter sido o começo da história na Bíblia Sagrada, ou a laranja, o pomo de ouro que comem apenas os deuses mitológicos, no jardim das Amazonas? Pêras douradas, o prato favorito dos príncipes e o jantar das princesas? Jambo, a fruta suculenta da cor dos lábios das mulatas apaixonadas? Estavam todos muito curiosos para saber que tipo de fruto uma árvore tão delicada escolheria dar aos homens e às mulheres.

A árvore olhou para todos os lados e todos os montes nas cercanias. Ela mesma não sabia que tipo de fruto daria. A fim de retribuir ao Jardineiro que a criou, buscava algo em que pudesse se inspirar. O que mais lhe deixou impressionada não eram os frutos das outras árvores mais maduras, mas, sim, o céu estrelado à noite. Humilde e desejosa, antes de adormecer olhava para as constelações e repetia todas as noites a si mesma seu sonho:

— Ah! Se meus frutos fossem iguais às estrelas do céu, na boca dos homens!

Procurava sempre crescer forte e bonita e estava ansiosa por produzir algo: já tinha idade. No outono, suas folhas ficaram douradas como as árvores das florestas temperadas. Era mesmo dali, aquela árvore? Produziam as mangueiras, as goiabeiras, os pés de biribá... Todas as plantas aguardavam ansiosamente a novidade, quando vieram os primeiros frutos amarelos, suculentos, adstringentes e adocicados de seus galhos. A árvore observou satisfeita, porém modesta: eram bonitos e saborosos, mas não pareciam ser em nada tão diferente dos demais frutos. Uma menina que ouvia os suspiros da árvore cortou um deles transversalmente. O bosque inteiro admirou estupefato: cada uma de suas fatias era igual às estrelas que tanto contemplava!

Moral da história:

Quem contempla a beleza do que almeja realiza seus sonhos.

O reinado da árvore de urucum

A árvore do urucum vivia sozinha, no meio do jardim de ipês rosados e floridos. Os ipês provocavam-na:

— Todos só louvam e prestam atenção às árvores floridas, esbanjadoras e bem esbeltas, como nós. E tu, que tipo de flores brancas são essas, que são pequenas, e dão apenas para produzir esses coquinhos peludos, de cor marrom? Seus coquinhos peludos nos dão agonia!

A árvore do urucum vinha do Norte, e conhecia seu valor. Ficou por ali, não obstante as provocações, e permaneceu produzindo flores e frutos com firmeza e determinação, pois sabia que dentro deles havia um verdadeiro tesouro.

Na estação da seca, as árvores ficaram sedentas. Não havia chuva, nem córrego. Passavam sede. Por ali caminhavam várias crianças todos os dias, indo e voltando da escola. Num belo dia, a professora notou a árvore de urucum cheia de frutos. Chamou a todos os seus alunos e lhes disse:

— Vamos brincar de índio!

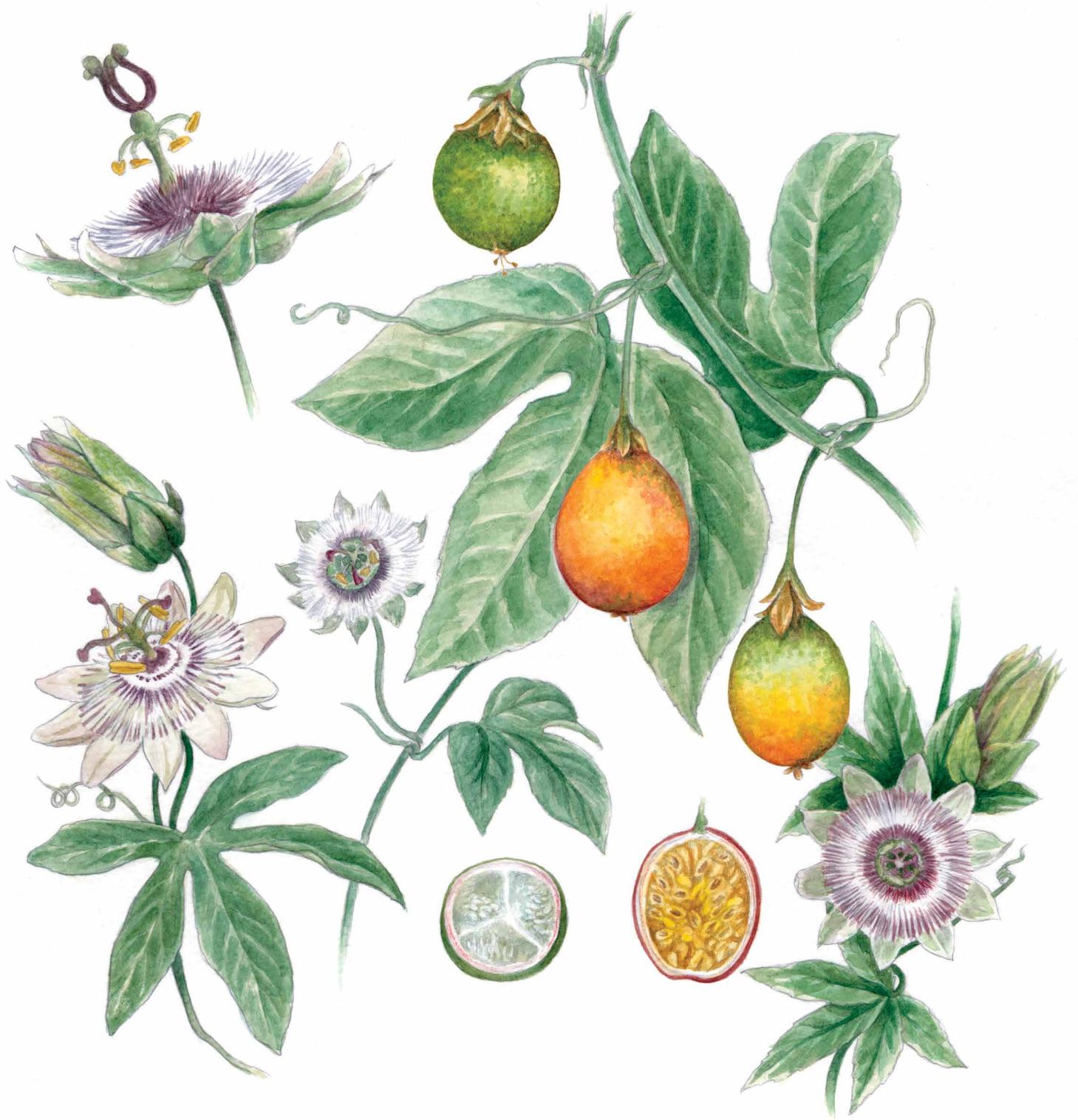
As crianças e a professora retiraram cuidadosamente as cápsulas peludas, onde dentro encontraram as pequenas sementinhas vermelhas que se desfazem, das quais se produz o colorau e a tinta de guerra que os índios passam no corpo. Fizeram uma festa! As crianças ensaiaram a dança da chuva ao redor da árvore de urucum.

Veio a chuva em pleno agosto e matou a sede de todas as árvores, que declararam a árvore de urucum a rainha daquele bosque.

Moral da história:

Se quer ser respeitado, respeite antes de mais nada a si mesmo.





O pé de jasmim sem flores

Uma mulher plantou à soleira de sua porta um pé de jasmim mediterrâneo, cujo perfume é famoso na Península Arábica. Contudo, aguou excessivamente o solo e a muda de jasmim morreu. Como uma menina deixou cair ali no local algumas sementes de maracujá, enquanto corria apressada para lá e para cá, o pé dessa fruta, que gosta muito de água, nasceu no lugar do jasmim e começou a crescer vertiginosamente.

Todos os dias a mulher aguava a planta, e via as gavinhas se enroscando nos pinos que havia colocado nas paredes para que os galhos pudessem subir ao redor da porta. E reclamava: — Esse jasmim que não dá flores!

E, depois de praguejar, entrava em sua casa para lavar a louça, resmungando. Oras, quando iria finalmente sentir a fragrância tão aclamada que o dono do viveiro havia prometido?

Ela não dava tempo nem oportunidade para o pé de maracujá tentar explicar-se.

Depois de alguns meses, finalmente uma flor: mas era imensa, uma flor com pétalas fininhas e de cor púrpura ao centro. Parecia um botão passional, que havia explodido no meio dos ramos.

— Ah! Não é possível que isso seja uma flor! Que coisa horrorosa, esse jasmim!

Arreventaram vários botões, e vinham abelhas, pássaros faziam seus ninhos; e logo que as flores caíram, surgiram belíssimos, imensos frutos de maracujá.

Novamente a mulher aguava, observava insatisfeita aquela planta, e resmungava:

— Esse jasmim que não dá flores! Agora está com uma praga! Que coisa esquisitíssima, essa praga de bola amarela! Que coisa esquisita!

Logo os maracujás criaram rugas, quando ficam absolutamente dulcíssimos e pungentes. O pé de maracujá estava completamente apaixonado pela mulher que reclamava dele dia e noite. Não dizia nada! Jamais elucidava nem respondia às reclamações dela.

A menina que gostava muito de mousse de maracujá passou por ali de novo e ficou encantada: pegou todos os frutos do maracujá e pôs em uma cesta. Perguntou ao maracujá:

— Maracujazeiro, não te incomodas que te insultem tanto?

— Menina, não sabes de nada ainda. Insultar também é uma forma de amar sem saber. A verdade é que essa mulher é fascinada por mim!

O pé de maracujá não queria saber dos elogios verdadeiros da criança. Enxotou-a e disse para ela levar seus frutos, para que pudesse ficar exatamente igual a como a mulher o via: sem flores e sem frutos, para que pudesse reclamar dele, como ele tanto gostava.

A mulher, ao ver pela milésima vez o pé de maracujá e ao reclamar também pela milésima vez que aquele “pé de jasmim” não dava flores, nem viu a menina se deliciando com a cesta cheia de frutos de maracujá docinhos. Impaciente, pegou uma enxada e cortou a planta junto à raiz. Jogou a planta no fogo, embora ele tivesse produzido as mais belas flores e os mais doces frutos que uma criança terá visto.

Moral da História:

Os tolos não veem nada além do que querem ver.

A folhagem brasileira

Numa cidade do interior do Mato Grosso, no meio da Amazônia, cresciam vários tipos de folhagens de jardim típicas das residências das avós, em um quintal de chão batido. Havia comigo-ninguém-pode, espadas-de-São-Jorge, coléus, chefleras, avencas, caládios, zamioculcas e os típicos antúrios vermelhos. Toda sorte de planta para desviar mau-olhado, inveja e olho gordo, para identificar cobiça, atrair bons agouros... E, é claro, um pé de folhagem brasileira, pra dar sorte e atrair dinheiro.

Com suas folhas sésseis e verde-amarelas, como se tivessem sido respingadas de tinta, viviam ali felizes com as suas parentas, primas, tias folhagens.

Um dos netos da dona daquele quintal tinha ido estudar arquitetura na capital, no Rio de Janeiro. Quando retornou e se deparou com aquele jardim antigo, que parecia ter sido plantado por um porteiro, o neto tentou conter-se para não reclamar à avó:

— Vovó, será que posso dispor de nova forma as suas plantas para que seu jardim fique mais moderno?

— É claro, meu netinho.

(As avós gostam de fazer todos os gostos dos netos).

— Bom, estas espadas-de-São-Jorge, posso retirar?

— Lógico que não, meu filho! São para proteger da inveja!

— Ok, ok... E estas chefleras? Parecem plantas de repartição pública.

— Não... Não.

— Mas elas servem para alguma coisa?

— Não. Mas é que foi a filha da vizinha que plantou. E quando olho gosto de lembrar dela. Aliás, moça linda e solteira...

— Está bem, está bem.

E as plantas suavam frio! Davam graças ao Bom Jesus de não terem sido arrancadas, por algum motivo melancólico, saudoso ou de simpatia de sua jardineira, quando por fim o neto chegou até o arbusto de brasileira.

— E esta, Vovó, posso retirar esta árvore auriverde e colocar outra no lugar? Ela não faz nenhum sentido aqui.

— De jeito nenhum, meu filho, é uma folhagem que atrai dinheiro.

— E acaso já ganhaste algum dinheiro por causa dessa árvore, Vovó?!

— Pois, neto querido, se te contar que, toda vez quando rego a plantinha e vou ao mercado, na volta encontro uma moeda ou uma nota de dois reais, acreditará?



LA
19

— Lógico que não, Vovó! Você acharia esses trocos de todo modo, as pessoas deixam cair, e o que isso tem a ver com a folhagem?!

— Mas meu filho... Você não acha que Deus faz como bem entende, que nas coisas tão perfeitas que Ele criou, ele pôs um sentimento? Nem tudo precisa ter causa. Tem sincronidade na vida das pessoas e nas coisas vivas que a gente ama.

— Vovó. Quanta superstição! Então não vai deixar eu mexer em nada, no seu jardim? Nem nesta planta, Vovó, que é o mais inútil dos arbustos?

— Meu filho. Você sabe que essa folhagem foi sua mãe que plantou?

— Não, Vovó. Mas cada planta sua tem uma história, mesmo.

— Pois é. Foi sua mãe. Plantou no dia em que você nasceu. Começou a sentir as dores do parto, logo depois de plantar a mudinha.

— Nossa! É mesmo?

— Mesmo. Pena que é um arbusto completamente inútil. Mas pode cortar.

O neto ficou olhando um tempo o arbusto, com o machado na mão. Tentou cortar algumas vezes. Mas pensou consigo, “Ah, talvez esse arbusto não seja tão inútil. É até bonitinho”. E de repente ficou pensando se não se arrependeria ou se algo aconteceria com ele se cortasse esse arbusto que nasceu no mesmo dia. Tentando se afastar da percepção supersticiosa da avó, se encheram seus olhos e seu coração de uma saudade inexplicável. Concluiu: a verdade é que agora a planta fazia algum sentido, ela lhe conferia uma memória e um sentimento. Resolveu, ao invés de redistribuir as plantas da avó, trazer-lhe mais um arbusto de brasileirinha, para fazer companhia à muda que sua mãe havia plantado, ao que a avó se regozijou.

Moral da história:

As melhores coisas da vida são aquelas que não têm razão de ser, e, ainda assim, são.

O jambeiro descomunal

Um belo jambeiro se erguia no centro de um jardim, onde viviam vários arbustos. Todos os dias, uma menina negra o aguava, e ele ficou imenso. Dava frutos tão doces, porosos, macios e suculentos como nenhuma árvore jamais havia dado. Os arbustos ao seu redor davam flores que a menina usava nos cabelos antes de ir pular corda com as crianças na rua. Na volta, ela colhia os jambos, tão rubros quanto a cor dos seus lábios; e deliciava-se com seus amigos.

Contudo um arbusto no jardim, que não dava mais flores, ficou com muita inveja do jambeiro. Cresceu ao redor dele tal como um mato pegajoso e, cheio de espinhos, não permitia que a menina aguasse mais o jambeiro, como costumava fazer.

Veio ainda a seca, e o jambeiro deixou de dar frutos suculentos. Começou a dar frutos pequenos e azedos. As crianças não vinham mais, e a água que a menina deixou de trazer para o jambeiro não encharcava mais o solo no qual viviam também as flores.

A menina, dona de uma grande sensibilidade, tinha em seu bolso as sementes do fruto do jambeiro, e plantou vários de seus filhos mais perto de sua casa, ao longo de toda a rua. Como as flores davam sementes e mudas, e tinham saudade dos frutos úmidos do jambeiro, ela plantou também uma bela guirlanda de mudas ao redor de cada filho. Em poucos anos, na primavera, todos os filhos do jambeiro ornavam a calçada por onde a menina passava, de flores magenta de um profundo cor-de-rosa; e as flores atraíam colibris coloridos.

Mas o jardim onde vivia o jambeiro descomunal com suas amigas flores secou, infelizmente; e ali sobreviveu apenas o arbusto velho de espinhos. Quando a última flor morreu, o último galho secou, a planta horrorosa, sem enxergar sua própria inutilidade e feiúra, num falso lamento, sorriu e jactou-se:

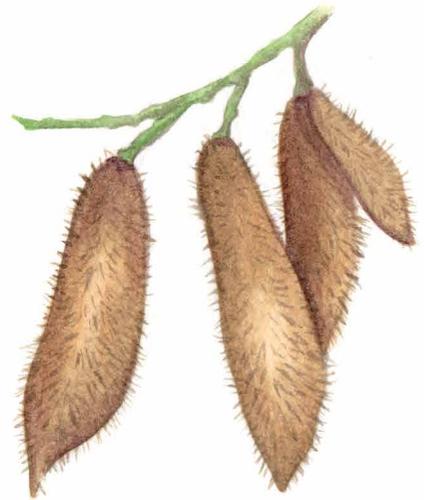
— Ah! Secaram e morreram pela própria culpa, coitadinhos... Eram fracos. E agora que sou a única planta neste jardim? Ninguém será mais admirado do que eu! No fundo, eu é que estive sempre certa em meu crescimento. Vejam: todos os outros morreram, menos eu! Eu venci!

Um engenheiro e trabalhadores viram o espaço vazio e abandonado, de modo que obtiveram autorização do prefeito para construir um parquinho ali. Primeiro queimaram o arbusto de espinhos e jogaram os restos no lixo. Depois limparam e semearam mudas novas e generosas, sem espinhos, para não machucar as crianças.

Moral da história:

A maldade faz mal sobretudo aos maus.





O casal de paus-brasis

Era uma bela época do ano, propícia àqueles pássaros que, sem ter encontrado comida, buscavam na floresta algum sinal de otimismo, com a reprodução dos peixes. Na beira do Guaporé, uma família de ribeirinhos plantou duas mudas de pau-brasil, uma árvore que dá bastante sombra, para que os peixes tivessem onde descansar quando estivessem subindo para formar suas famílias, por ocasião da piracema. Naquela região, o sol é implacável.

Contudo vieram muitas garças, atraídas pelos peixes, assim como os pescadores com puçás. Os ribeirinhos logo viram que não sobrariam peixes e que isso seria um grande prejuízo no futuro, porque a cada peixe subtraído, deixavam-se de reproduzir-se muitas gerações.

As garças, muito exigentes, gostavam de repousar sempre nos paus-brasis à margem, porque eram elegantes, e julgavam essas árvores como sendo os únicos locais dignos de se hospedarem. Como não iriam reclamar dos pescadores com puçá, porque também tinham direito de alimentar suas famílias, os ribeirinhos resolveram então espantar as garças. Cortaram um dos paus-brasis.

A outra árvore ficou muito ressentida. Afinal, o pau-brasil a seu lado era sua esposa. Ficou um tempo hospitalizado, teve uma síncope e deixou de crescer. Com menos sombra no rio, contudo, vieram não apenas menos garças, mas também menos peixes; as garças continuavam pescando e se hospedando no pau-brasil solitário; e os pescadores continuavam vindo pescar com suas puçás.

Os ribeirinhos então, sem saber mais o que poderiam fazer, ligaram para as autoridades e reportaram a situação. Pediram um conselho de como deveriam proceder.

Vários técnicos em ecologia foram ao local para ver o que se passava. Um deles disse que o maior problema eram as garças, que precisavam ser apreendidas e levadas a outra parte, o que seria caríssimo, pois teriam que contratar uma companhia estrangeira; outro disse que os peixes alcançariam seu equilíbrio natural, e que nada era preciso ser feito. Já o terceiro preparou um relatório dizendo que a população ribeirinha deveria ser removida dali, para que não atrapalhassem as garças e os índios pescadores. Era uma confusão! Ninguém chegava a conclusão nenhuma. A falta de consenso de relatórios e o prejuízo iminente foram denunciados pelo pároco da cidade. Os técnicos foram advertidos pelo diretor deles, que dispensou os três e enviou então apenas uma moça doutora da cidade, que havia crescido naquela região.

A moça chorou bastante quando viu o buraco que estava no lugar do maior pau-brasil da região. Aquela árvore havia sido plantada por uma amiga muito querida sua. Mandou

então que retirassem um galhinho do pau-brasil derrubado, e deu esse pedaço a um poeta que tinha um viveiro perto dali. O poeta fez do galho uma nova muda.

Depois que a muda estava muito, muito forte e alta, rogou que fosse plantada imediatamente. Acariciou a novíssima muda. Sussurrou algo no ouvido da árvore recém-plantada. Os ribeirinhos notaram e festejaram que a moça da cidade também falasse com as árvores! Então ela determinou que os pescadores apenas deveriam praticar a pesca durante 11 meses do ano, preservando o mês em que justamente os peixes se reproduziam. Também dispôs que se instalasse ali um posto de polícia Ambiental, e que prendessem quem pescasse fora de época. Alertou os ribeirinhos a denunciarem qualquer policial que se recusasse a fazer seu trabalho, para que se justificasse ou fosse removido a um outro posto. Também ordenou que do lado de dentro, dos paus-brasis para a mata, os ribeirinhos fizessem um descampado de dez metros ao longo da margem, apenas com arbustos pequenos, para favorecer os gaviões. Assim, vieram muitos uiraçus, gaviões-azuis e acauãs, que passaram a controlar a população de garças.

O casal de paus-brasis voltou a crescer e ficou muito feliz, porque a esposa estava agora até mais forte que o marido. Com a nova situação de equilíbrio, agradava muito aos dois ficar namorando e a ver os peixinhos. Quando vinham as garças, a esposa do pau-brasil, orientada pela moça que a replantou, muito obediente, dizia que apenas recebia gaviões como hóspedes, e aquelas corriam a se abrigar apenas sob a copa de seu esposo. Assim, com muita gente, muita planta e muito bicho, e poucas regras, mas regras úteis e pensadas para o bem de cada um, estabeleceu-se finalmente um novo equilíbrio.

Moral da história:

Panela que muitos mexem não toma tempero.

As videiras intrépidas e o capim

As videiras, bem conhecidas por sua sabedoria ímpar, capazes de neutralizar o mais potente dos venenos e limpar os solos intoxicados, erigiam tranquilas a bela paisagem do vinhedo, contornando os vales e as montanhas em um horizonte idílico. Como se sabe, as videiras duram muitos séculos, porque sabem ponderar e dialogar com belas e simples palavras. Uma delas dizia às demais plantas que cada uma deveria buscar seu espaço ao sol com comedimento, a fim de que todos pudessem ter seu espaço neste mundo.

Contudo o capim olhava com inveja para a videira; em seu íntimo, abominava as suas palavras, considerava cada uma delas como o prenúncio da decadência botânica daquele vale. Ah! Aquelas folhas grosseiras e largas, aquelas uvas anacrônicas, de palavras tolas e batidas, que produziam o mesmo vinho há centenas de anos... Elas deveriam ter seu fim inevitável: ser destituídas de seu papel vitivinífero pelo capim, a erva do futuro. Este, muito mais hábil, muito mais tecnológico e adaptável às mudanças climáticas... Era uma questão de tempo para que as uvas desaparecessem da paisagem e tudo fosse ocupado pelo eficiente capim, essencial para alimentar o gado. Acabassem as videiras, sobraria a ele mais nutrientes, dos quais julgava, por sua esperteza e rapidez, ter a titularidade. Muito astuto, notou um fungo trazido pelo vento, indicou a ele a localização de uma das videiras e silenciou, enquanto o maldito fungo destruía uma das mais antigas videiras na plantação.

Incauto, o capim, com seus olhos insensíveis e ambiciosos, fingia proteger as demais plantas e flores, e aparentava estar tão chocado quanto elas com a queda da nobre videira, dentre as centenas que produziam naquela região fértil o mais delicioso dos vinhos.

Veio o vitivinicultor, grande especialista em vinhos, ver o que se passava com suas diletas videiras. Viu que o capim arroteava capcioso e ávido de nutrientes o solo que cabia apenas à nobre videira. Notou que, ao invés de instintivamente servir de anteparo, pelo seu menor valor, cruelmente deixou que um terrível fungo atingisse a videira que havia partido. O capim tentou se defender:

— Ora essas, como poderia eu saber que aquele fungo terrível era estranho à plantação? Há muitas plantas circulando livremente pela região; culpa da videira, que está aqui há mais de 200 anos, e não foi capaz de ela própria certificar-se da segurança de seus arredores. Ao invés disso, dedicou-se a produzir uvas inúteis, sendo portanto a principal responsável de seu triste destino.

Prosseguia o capim em seu discurso ao vitivinicultor, que permanecia silencioso e em luto pela sua videira:



— A verdade é que o vinho que as videiras produzem são deselegantes e fazem parte de um passado superado, que inevitavelmente ficará para trás. As palavras da videira não nos servem mais; devemos produzir outro tipo de bebida, porque vivemos novos tempos – tagarelava o capim homicida.

O vitivicultor, tendo ouvido pacientemente a ambição ridícula do capim, sabendo que dele nenhum tipo de palavra sábia ou bebida nutritiva jamais sairia, muito menos o néctar da vida, tomado de fúria, cortou o capim com uma belíssima foice; atirou-o na fogueira e deu descarga em suas cinzas.

Plantou no lugar rosas brancas: estas, sim, corajosas, gostavam das palavras da videira e sabiam dar fim a um fungo cruel! Também plantou um pedaço que conseguiu salvar da antiga videira, para que novamente se erguesse pelos séculos, produzisse uvas maduras e o nobre e indispensável vinho aos homens e às mulheres de bem.

Moral da história:

Ao ignaro parece tolo, quem sabiamente fala.

O trigo que não queria perder a casca

Os pés de trigo cresciam ao lado do campo de alfazema, lado a lado, no sul do Brasil. As mulheres de vestidos azuis e brancos passavam, com seus chapéus de palha elegantes, colhendo os galhos de flores de alfazema para fazer o perfumado óleo que vai na receita das colônias ligeiramente esverdeadas. Os homens levemente musculosos do outro lado elogiavam os traços das moças, enquanto eles cortavam com a foice o trigo.

Um grão de trigo gritou, quando um gaúcho desavisado estava por cortar um feixe:

— Não me cortes! Não ouses ceifar-me! Por que deixas que as mulheres suavemente colham as flores, sem extirpá-las, e nos trataas com tanta maldade, sepultando quem te alimenta?!

O jovem agricultor, estupefato, tendeu a concordar com o trigo que aquilo parecia constituir uma injustiça. Tentou explicar-se:

— Mas trigo, te transformarás em algo muito mais valoroso, serás moído no moinho, te farás pão, o alimento mais sagrado que há na mesa das pessoas.

O grão de trigo não queria saber de explicações. Insistiu em seus direitos inalienáveis. Exigia ter o mesmo nível de tratamento que os pés de alfazema, permitindo que ficasse ali indefinidamente pelos séculos. Clamou o lema de igualdade da França, de onde vinham originalmente as lavandas, primas das alfazemas. E, afinal, citou os direitos individuais: a casca era parte constitutiva e integral de sua personalidade; julgava ilegal que o agricultor a retirasse à força em um moinho.

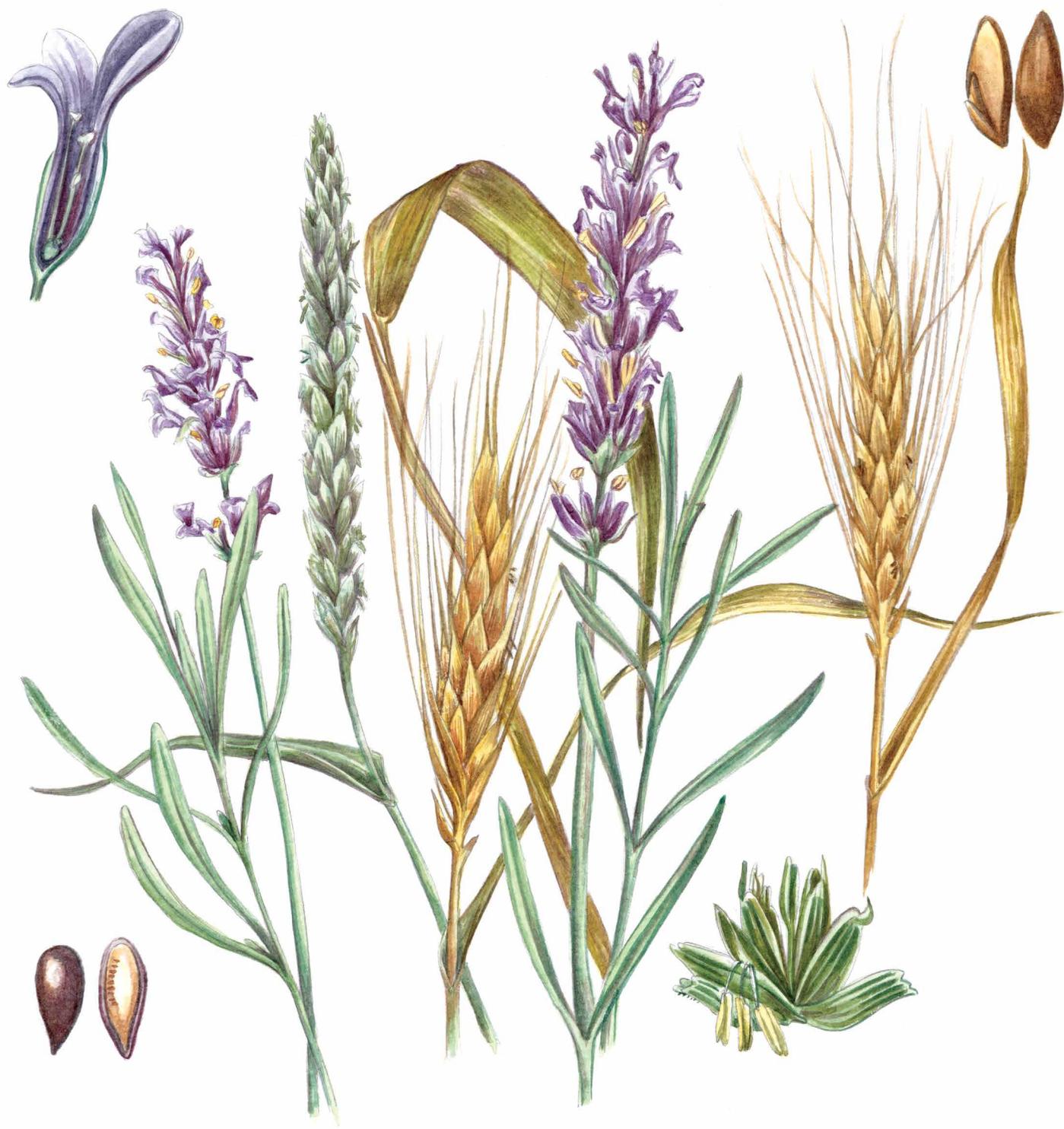
O agricultor então desistiu de colher aquele grão de trigo tão cioso de seus direitos, a ponto de querer ter o mesmo tratamento dado aos delicados pés de alfazema. Passou aos próximos pés de trigo para ceifá-los.

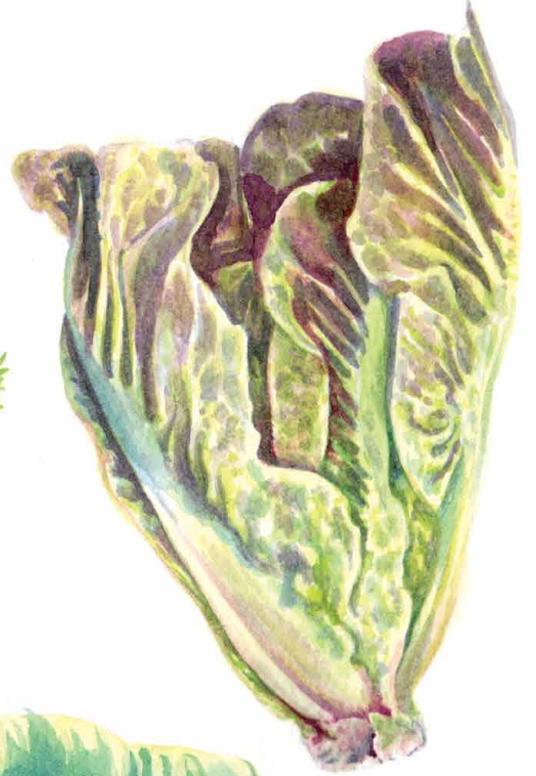
Passaram-se apenas alguns dias, e o grão de trigo caiu no chão.

Com a umidade e a natureza, morreu; saiu sua casca, e dele germinou um novo pé de trigo.

Moral da história:

Do pó vieste, ao pó voltarás.





O pé de alface, o pé de couve e a cenoura

Chegou o verão. Uns pés de alface correram pela horta e se plantaram mais ou menos à mesma distância. O lavrador estava meio cansado e resfriado por ter passado uma noite ao relento juntando a terra fértil, por isso as verduras resolveram colaborar.

Contudo veio o sol, muito forte, do meio-dia, e os pequenos pés de alface não suportavam tanto calor. Uma só verdura não é suficiente para fazer uma horta. O lavrador chamou então a couve, que prontamente atendeu seu pedido de se colocar ao redor da alface para aliviar a quantidade de sol com sua postura mais alta.

Mas o solo estava muito duro, e não havia arado para passar àquela altura do campeonato: as verduras já estavam plantadas!

Então as cenouras deram a ideia ao lavrador:

— Será que não podemos ajudar, crescendo nossas raízes ao redor desse solo duro, amaciando e revolvendo a terra?

E, muito confortável, o lavrador, adoecido, agradeceu às cenouras que tão prestativamente soubessem o que deviam fazer. Cresceram no mesmo instante.

Chegou o tempo da colheita, e com a noite fresca, ao ar livre, os filhos do lavrador pediram uma sopa especial à sua esposa, também para que ele melhorasse sua saúde. Primeiro a mãe deles colocou a cenoura em cubinhos no caldo. Mas a sopa ficou muito doce. Um só legume não é suficiente para fazer uma sopa. Depois, colocou a couve, que é mais amarga. Mas então o prato ficou muito seco. Acrescentando umas folhinhas bem tenras de alface, o queijo, a manteiga e um ovo estrelado por cima de cada tigela de sopa, eis aí uma mistura deliciosa que agradou a todos os sete filhos dele.

Moral da história:

Uma andorinha só não faz verão.

O jambu gratuito

O jambu resolveu mudar seu endereço. Fez as malas, saiu do meio da floresta amazônica, e resolveu conhecer outras bandas, o Planalto Central. Ali, quem sabe, ele encontraria novos pratos, além do pato ao tucupi e do tacacá? As pessoas no Norte são muito tradicionalistas.

Chegando no cerrado, já volumoso, resolveu dizer às suas mudas:

— Cada uma que se plante em um lugar diferente.

— Ora essa, vamos nos separar, morar em lugares distintos?

Mas o jambu, muito precavido, explicou:

— Sim, porque se algo de imprevisto ocorre, uma tempestade que nos leve, uma calçada que se construa, um jardineiro que, por não nos conhecer, nos corte, o outro poderá vir de outra quadra e com segurança prestar socorro mútuo.

As mudas de fato concordaram com a ótima estratégia de que não se perdesse a gratuidade com que o jambu sempre se ofereceu aos seres humanos que lhe apreciam.

Dito e feito, ao notar a famosa erva florindo aqui e acolá, os moradores tiveram as mais criativas ideias de cozinhá-lo; um deles preparou uma cachaça de jambu, que fazia formigar a língua; outro, uma geleia para pães apimentados; e um terceiro, que havia chegado do Maranhão, recolheu o jambu para substituir o cuxá, no arroz de cuxá, e servir com uma carne bem cozida, de panela.

Quando veio a seca, e por férias de algum jardineiro se reduzia a quantidade de arbustos em um de seus endereços, brevemente a situação era corrigida, correndo as pequenas mudas dos outros locais em que os pés de jambu abundavam para os locais em que lhes careciam. Felizes da vida, brindaram os jambus em diferentes mesas!

Moral da história:

O seguro morreu de velho, e o desconfiado ainda está vivo.





LA
19

O salgueiro-mãe e suas sementes

O salgueiro estendia-se à beira de um lago os seus longos galhos, feito uma árvore chorona. E como derramava lágrimas! A lagoa feita inteira das gotas salgadas que pendiam da árvore, dia e noite.

As sementes do salgueiro, suas filhas, não entendiam por que razão a mãe chorava tanto. Uma delas, julgando aquilo um forte exagero, perguntou por que se emocionava com tanta facilidade. A árvore respondia:

— Por que um dia o vento a levará, semente linda, e estarei longe de ti. Mas não há problema em chorar, minha linda princesa, porque as lágrimas salgadas limpam tudo. Desinfecionam os males e purificam nossa alma, por essa razão o lugar onde vivemos é tão lindo.

De fato, os salgueiros-brancos são bem conhecidos pelas suas propriedades curativas da febre, suas cascas são muito ricas em salicina, além de ornarem paisagens belíssimas.

Mas as demais sementes, por ser muito jovens, não compreendiam, e achavam a atitude da mãe afetada e descabida. Afinal, estavam felizes, e quando as sementes, que são suas filhas, estão felizes, achavam que também a mãe deveria estar.

Veio o vento e levou as sementes para outra planície.

As árvores cresceram, tornaram-se igualmente salgueiros. E choronas, formaram igualmente cada uma um imenso lago, derramando muitas lágrimas, pois estavam longe da mãe, e sentiam muitas saudades de suas histórias e falta de seus carinhos.

Moral da história:

O que criticares no outro poderá ser tua sina amanhã.

O lírio d'água e a rosinha de jardim

O lírio d'água queria se casar. Estava cansado de viver sozinho. De ler sempre as coisas que ele próprio escrevia, de comer a comida que ele próprio fazia, de vestir a roupa com que ele próprio nascia, tão do jeito dele. De juntar tanta água de orvalho e assim viver, chorava poças de lágrimas de solidão.

A rosinha de jardim, bem damascena, ficou sabendo. Convidou o lírio a ir até sua casa.

Entrando em sua casinha, o lírio ficou encantado. Tudo era pequenininho e delicado: as xícaras de chá japonesas, o bule, o pratinho, o pãozinho de polvilho delicioso saído do forno, em relevo de estrelinhas! E o mel tinha gosto de framboesa. Até os segundos com que a rosinha cozinhava um ovo eram calculados com cronômetro, delicioso à perfeição... E ela havia com tanto carinho preparado uma música ambiente! Dali de sua janela se viam muitos passarinhos e se podia contar as pétalas dos ipês. Com o cuidado que a delicadeza da rosa exigia, o lírio permaneceu ali longas horas, expressando seu afeto, inebriado de seu perfume.

Para retribuir o convite, e também demonstrar que a queria muito por esposa, o lírio convidou a rosinha a visitar sua casa no vale, que era certamente mais envelhecida e bagunçada. A rosinha, toda perfumada, elogiou igualmente a fragrância verde escura da casa do lírio, e parecia bem confortável ali. Começou, contudo, a soltar algumas farpas: “Ah! Não lestes este livro?” “Ah! Não tens som, nem música?”

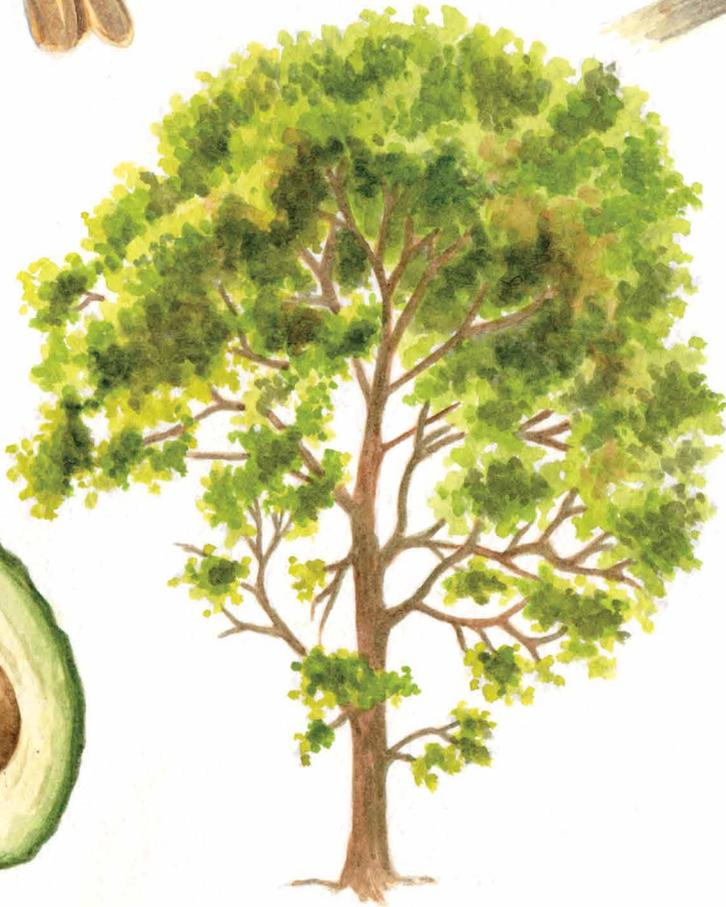
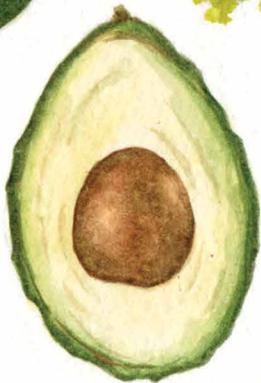
O lírio, então, ficou em dúvida se a rosinha o amava ou o provocava. Supôs que eram apenas observações. Adivinhou: eram seus espinhos. Em sua simplicidade, o lírio dizia que certamente gostaria de ter tudo que lhe aprazia, mas pedia à rosinha que olhasse os lírios do campo, como eles crescem... Eles não trabalham, nem fiam, mas nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer um deles.

Afinal, a rosinha de jardim recebeu do lírio d'água um lindo pedido de casamento, meio a quarenta guardanapos feitos de suas pétalas bordadas, guardadas delicadamente ao longo de muito tempo. Se a rosinha aceitaria ou não, ele não fazia ideia, mas o fato é que chegara à conclusão de que seus espinhos doloridos eram menos importantes que a delicadeza e o calor das pétalas em seu rosto.

Moral da história:

Quem ama a rosa suporta os espinhos.





O abacateiro indeciso

O abacateiro estava todo feliz ao ter descoberto sua própria música: “abacateiro, acataremos o teu ato/nós também somos do mato/como o pato e o leão... Aguardaremos, brincaremos no regato/até que nos tragam teu fruto/teu amor, teu coração...”.

Atraídos pelo seu canto, vieram vários passarinhos àquela quadra onde o abacateiro crescia todo fagueiro, cheio de contentamento por apreciar do alto uma vista da copa das árvores. Aos seus pés, um porteiro havia construído uma pequena piscina de cimento, que passou a ser ponto de encontro, ao meio-dia, de uma fim-fim verdinha e de dois machos da mesma espécie, pretos e amarelos-gemas, pois queriam saber de quem ela mais gostava. Também vinham ouvir o canto do abacateiro dois bem-te-vis e um alma-de-gato, de cauda bem comprida e marrom. Apenas queriam checar se havia algum abacate, por acaso.

Estava crescendo feliz o abacateiro, e cantando junto com os passarinhos, quando veio repentinamente a seca do cerrado. Morto de sede, perguntou aos passarinhos se não poderiam lhe dar um pouco daquela água da piscina. Os passarinhos, é claro, acataram a sugestão do abacateiro. Queriam partilhar da sua felicidade. Mas eram tão pequeninos! Embora fossem em bom número, a água que levavam com o bico não era suficiente para matar a sua sede, pois o abacateiro era uma árvore já bastante grande.

Como lhes encantava sua canção, e até mesmo por essa razão, sendo seres igualmente canoros os pássaros, tratavam aquela árvore como um igual. Sugeriram que ele usasse as suas raízes para alcançar a água. Bastaria um ligeiro movimento geotrópico para que o abacateiro se saciasse do mesmo modo que os passarinhos. E lhes parecia muito justo, pois ele também contribuía na vizinhança para o delicioso ruído branco de sons harmoniosos, com que se acalma e se nutre a alma dos seres humanos. Além disso, os passarinhos amavam se deliciar com o fruto do abacate. Com a água, ele poderia manter seus frutos carnudos quando chegasse o tempo.

Contudo o abacateiro teve medo de elevar um pouquinho a sua raiz até à piscina dos passarinhos, pois, sendo bastante neurótico, temia que o jardineiro, que todos os dias enchia a pequena poça, pudesse considerá-lo como um intruso e, assim, cortasse sua raiz. Também passou um tempo calculando se a primavera e as chuvas não chegariam antes que ele tivesse de fazer qualquer esforço. Pediu aos passarinhos uma proposta de acordo para se assegurar legalmente de que não sofreria dano se buscasse matar sua própria sede.

Os passarinhos, vendo que o abacateiro com certeza estaria mais feliz partilhando de sua água, riram-se da demora e fizeram uma proposta de termos em que ele teria, sim, direito à água, proporcional a seu esforço de levar sua raiz até à água.

Mas o abacateiro continuava indeciso. Se os passarinhos queriam tanto ajudá-lo, por que não erguiam uma de suas raízes e a colocavam dentro da pequena piscina com água? Se eles não o faziam, talvez assim fosse por desconfiarem, talvez fosse intrusiva a chegada de uma raiz de abacateiro, sugando sua água de banho. E se o jardineiro não fosse de confiança? E se a piscina de água secasse, por esquecimento do jardineiro e do porteiro? Isso estava fora da esfera de controle dos passarinhos. Todo seu esforço teria sido em vão. Afinal, poderia haver água em outra parte, a quilômetros dali. E por que razão os passarinhos insistiam tanto para que ele movesse sua raiz em direção à piscina deles, e não em outra direção? Será que os passarinhos não teriam mais água que ele, nesse acordo?

E assim, indeciso, inerte aos apelos dos passarinhos, cheio de caraminholas na cabeça, o abacateiro passou toda a seca sem cantar e com mais sede do que deveria.

Moral da história:

Mais inteligente é aceitar partilhar da água da vida do que viver na seca, por desconfiança e inércia.

As aulas do almíscar místico

O almíscar, no centro de um belo jardim aromático, ensinava as demais ervas a produzirem com moderação aromas agradáveis ao olfato das pessoas. Contava à hortelã, ao alecrim e ao manjeriço sobre as suas propriedades curativas, sobre como alegrar o espírito e produzir sensações de conforto na alma humana. O breu branco e a celidônia eram seus melhores alunos. A eles o almíscar místico ensinava novas formas de se fazer presentes, memórias a evocar, verdades arcanas a discorrer, e dizia: “Não desperdicem seu tempo e aroma preciosos com gente de pobre intuito”.

Depois de tomar nota de suas aulas, a celidônia passava por um caminho de damas-da-noite antes de chegar à sua casa. Uma delas insistiu para que se retivesse por um minuto, para se chegar, e perguntou o que tanto ela estudava.

A celidônia contou o que havia aprendido de seu professor, o almíscar místico. Contudo riu tão alto a dama-da-noite! Toda vaidosa de seu cheiro pungente, o qual não permitia espaço a nenhum outro tipo de essência. Notando que os presentes moderados da celidônia eram bem recebidos, arquitetou um plano muito malvado para provocá-la.

As damas-da-noite eram cheias de si e tinham um cheiro violento, mas, além de invejosas, julgavam-se reprimidas. O cedro, o rei da floresta, não permitia que exalasse seu perfume durante o dia. Apenas pela noite revelavam quem realmente eram, invasivas, e atribuíam sua infelicidade não aos excessos de sua conduta sobre as demais plantas, mas às decisões dos cedros.

Aquela dama-da-noite detestava ainda mais que a celidônia pudesse exalar seu aroma à plena luz do dia! Não entendia a diferença entre o seu cheiro noturno excessivo e o depurado aroma medicinal dos demais alunos do almíscar. Por isso lhe pareciam não apenas injustificados, mas cínicos os conselhos de comedimento daquele professor.

Dessa forma ignorante, ela se juntou a uma segunda dama-da-noite e resolveram vingar-se de sua situação, aproveitando-se da ingenuidade da celidônia. Enviaram um dos rascunhos que a celidônia havia preparado durante suas aulas ao cedro, cogitando que se tratava de planos segundo os quais irregularmente a celidônia pretendia exalar o pungente aroma de dama-da-noite durante o dia, para desafiá-lo. Defraudaram e fofocaram sobre as notas de aula por todo o jardim, depreciando a aluna do almíscar.

O cedro então puniu a celidônia, desatencioso, caindo no enredo preparado furtivamente pelas damas-da-noite, receoso da indisciplina na floresta. Entristecida, e já longe daquelas ervas de perfume violento, a celidônia exalou seu aroma verdadeiro. Encorajada pelo



LA
98

breu branco, encaminhou uma amostra de si e o restante das suas notas de aula para que o cedro pudesse discerni-la e constatar sua boa conduta.

Dando-se conta de seu equívoco, o cedro sentiu-se mal. Mas não teve coragem de assumir o seu erro publicamente, com receio de diminuir o orgulho de sua espécie. Tentou esquecer de sua decisão, considerando um assunto menor. Conduzindo seus negócios com peso na consciência, contudo, desgastou-se sua saúde mais rapidamente do que deveria. Transmitiu o cargo de rei da floresta ao jacarandá, e foi viver um tempo sozinho, amargurado. Doíam-lhe as costas.

A pura celidônia, buscando corrigir-se, notou o que havia ocorrido e pensou consigo que de fato merecia a punição: não pelo falso enredo, mas por ter sido pouco precavida e atenta às recomendações de seu professor. Não deveria ter partilhado o seu aprendizado com as biliosas e desmesuradas damas-da-noite.

Moral da história:

Não se deve dar pérolas aos porcos.

Os beijos-de-frades e as onze-horas

Era um belo jardim de flores bem brasileiras, no centro da rotatória ao redor da qual passavam os carros apressados. A velhinha que as plantou ensinou com muita ênfase:

— Minhas flores queridas, todos os dias lembrai-vos de orar umas pelas outras, sinalizando sua presença suave e terna, ainda que com pequenas atenções.

Os beijos-de-frade, muito ciosos de sua jardineira, recordando-se de suas palavras, rapidamente deram flores e pequenos elatérios que explodiam suas sementes. As sementinhas cutucavam as onze-horas, que pontualmente, nesse horário, floriam para alegrar os beijos-de-frade.

Uma palmeira pupunha que estava no centro da rotatória observava as flores com muita imprudência: criticava as adoráveis florzinhas, porque eram tão fugazes! Os beijos-de-frade, mesmo elegantes, cresciam dando uma leva de flores e explodindo suas pequenas cápsulas em sementes, apenas para em seguida murcharem. As onze-horas, igualmente, davam flores por apenas uns breves minutinhos e depois do meio-dia já estavam igualmente murchas com o sol! E se davam a todo esse trabalho apenas para se agradar?

A palmeira pupunha achava que perdiam tempo diariamente, pois iriam morrer de todo modo. Não enxergava a constância do comportamento leal daquelas flores à jardineira que os plantou, reproduzindo-se tão prontamente e propagando-se com facilidade e delicadeza.

— Levam uma vida tão pressurosa e ainda se dão ao luxo de perder tempo batendo esse papo todos os dias!

De tanto criticar os beijos-de-frades e onze-horas, a palmeira pupunha esqueceu ela própria de dar suas flores e frutos. Vinham os pássaros para polinizar suas flores, e ela não puxava conversa, para não ir de encontro aos seus rigorosos princípios de não perder tempo com temas irrelevantes.

Passou por ali um jardineiro da prefeitura que, vendo a constância e o bate-papo daquelas flores tão humildes e delicadas, lembrou-se de sua infância e dos jardins em sua escola. Contudo, ao olhar a palmeira e não ver sequer uma pupunha em seu talo, resolveu cortá-la para retirar de seu coração o delicioso palmito.

Moral da história:

Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto.



Os irmãos ipês-amarelos

Três ipês-amarelos, irmãos, mudas plantadas do mesmo viveiro, começaram a crescer ao longo de uma calçada. Veio a chuva dia após dia, e dali a quatro anos já estavam formosos como grandes árvores. Um deles disse aos outros:

— Serei um imenso ipê-roxo! De cor rosada, delicada como as saias das bailarinas!

Já o segundo aproveitava a deixa, para sonhar do mesmo modo:

— Ah! Eu não. Serei um ipê-branco! Igual ao véu puríssimo das nuvens vaporosas no céu. Muito mais nobres são os ipês-brancos!

O terceiro ipê, contudo, disse aos demais irmãos:

— Amigos, não seria muito mais charmoso e simples que, sendo ipês-amarelos, déssemos flores amarelas, para assim recordarmos a bandeira auriverde destas terras brasileiras?

Todos os demais ipês-amarelos disseram que jamais iriam assumir cores auriverdes, tão pobrezinhas! As bandeiras dos países desenvolvidos são azuis, vermelhas, brancas, às vezes até negras, mas jamais auriverdes! Seria de um péssimo gosto. Além do quê, o que tem a ver a beleza do rosa e do branco com as bandeiras dos países?

Os paus d'arcos já estavam cansados de discutir política, quando veio a época de finalmente começar a florir, para estar plenamente vestidos em setembro.

O terceiro ipê, o mais jovem, foi o primeiro a dar a mais linda florada amarela. Parecia um sol respingando ouro descido à terra, tamanha a delicadeza das suas pétalas. Uma belíssima cama de flores luminosas se formou ao seu redor.

Os demais irmãos perfeccionistas tentavam florir outras cores, mas custavam a acertar a cor exata que desejavam. E faziam força:

— Hummmmmmpf!

— Aaaaaaaaauugh...

E não saía nem uma florzinha da ponta rosa ou branca de seus galhos. Depois de muito esforço, finalmente cada um conseguiu produzir um botão! Plupt! Mas não era rosa nem branco, como queriam, e, sim, marrom...

O ipê-amarelo, oscitando, lhes provocou:

— Irmãos, porquanto já flori, poderei adormecer bem antes de vocês: dormirei o dobro na seca...

Os demais ipês, exaustos, convencidos finalmente de que jamais conseguiriam superar aquele contraste alegre e energético do ipê amarelo, resolveram então ceder e floriram todos amarelos. Tendo finalizado sua florada, poderiam passar alguns meses só na preguicinha...

Assim celebraram a si mesmos, sem se impor tanto trabalho para agradar ao gosto das árvores estrangeiras; e ainda assim, tendo juntos se entendido, despontaram todos tão esplêndidos que qualquer ipê, sendo roxo ou branco, se admiraria.

Moral da história:

Para muito sono toda cama é boa.



A quinua e o milho verde

Um casal muito feliz desfilava todos os dias nos pratos de todos os homens e mulheres que moravam num país ensolarado, de terra vermelha. O feijão-com-arroz era o casal mais famoso e mais querido; tão branquinho, o arroz! E substancioso, o feijão. Tinham centenas de milhares, milhões de fãns no Brasil.

Num belo dia, a quinua, coitadinha, tão sozinha de ser tão cara, foi deixada de lado pelas crianças e acabou indo parar junto de uma saca de espigas de milho verde. Como todos só queriam feijão-com-arroz, no estoque do agricultor peruano, que era casado com uma brasileira, só sobraram os dois, a quinua e milho. Das vendas e do pagamento das contas, não sobrou dinheiro para comprar carne ou feijão com arroz para eles próprios, nem lenha para cozinhar durante tanto tempo o duro feijão. Os seus vizinhos estavam também em difícil situação: e assim, achavam que a única saída era fazer empréstimos na venda para comprar o que julgavam indispensável. Contudo, o cerealista notou a quinua e o milho bem apaixonados: não se desgrudavam. Resolveu agir de um modo diferente.

Os pés de feijão no terreno do vizinho, pouco preocupados e acostumados com a situação de ser necessários e indispensáveis, ao invés de ajudar, provocaram o pobre peruano, dizendo que nenhuma mulher fica em casa muito tempo se o marido não puser feijão-com-arroz na mesa. Portanto, naquela noite, o agricultor, bem decidido, ignorou a insistência dos feijões e disse que iria preparar uma surpresa à sua esposa: um jantar especial. Isso a deixou muito contente, mas ao mesmo tempo angustiada, porque não tinham ainda vendido nem a quinua, nem o milho verde.

Ele deixou a quinua no molho quente e salgadinho de peixe, para que se banhasse, antes de ir à mesa, e cozinhou o milho verde no vapor, até que ficasse bem molinho. Jogou manteiga derretida e esbugalhou as espigas. Serviu a quinua cheia de amores com o milho verde, soltando caldinho, ao lado de uma tainha aberta e limpa, recém-saída do forno, branca e macia por dentro, coberta de limão, estalando a sua casquinha crocante e deliciosa.

Afinal, fez tanto sucesso, o novo casal de grãos, e o agricultor havia preparado o prato com tanto cuidado e carinho, que a esposa brasileira passou a querer nas refeições apenas aqueles dois cereais apaixonados. No dia seguinte, pescava e variava o peixe, conforme a disponibilidade: sardinha, bacalhau, robalo...

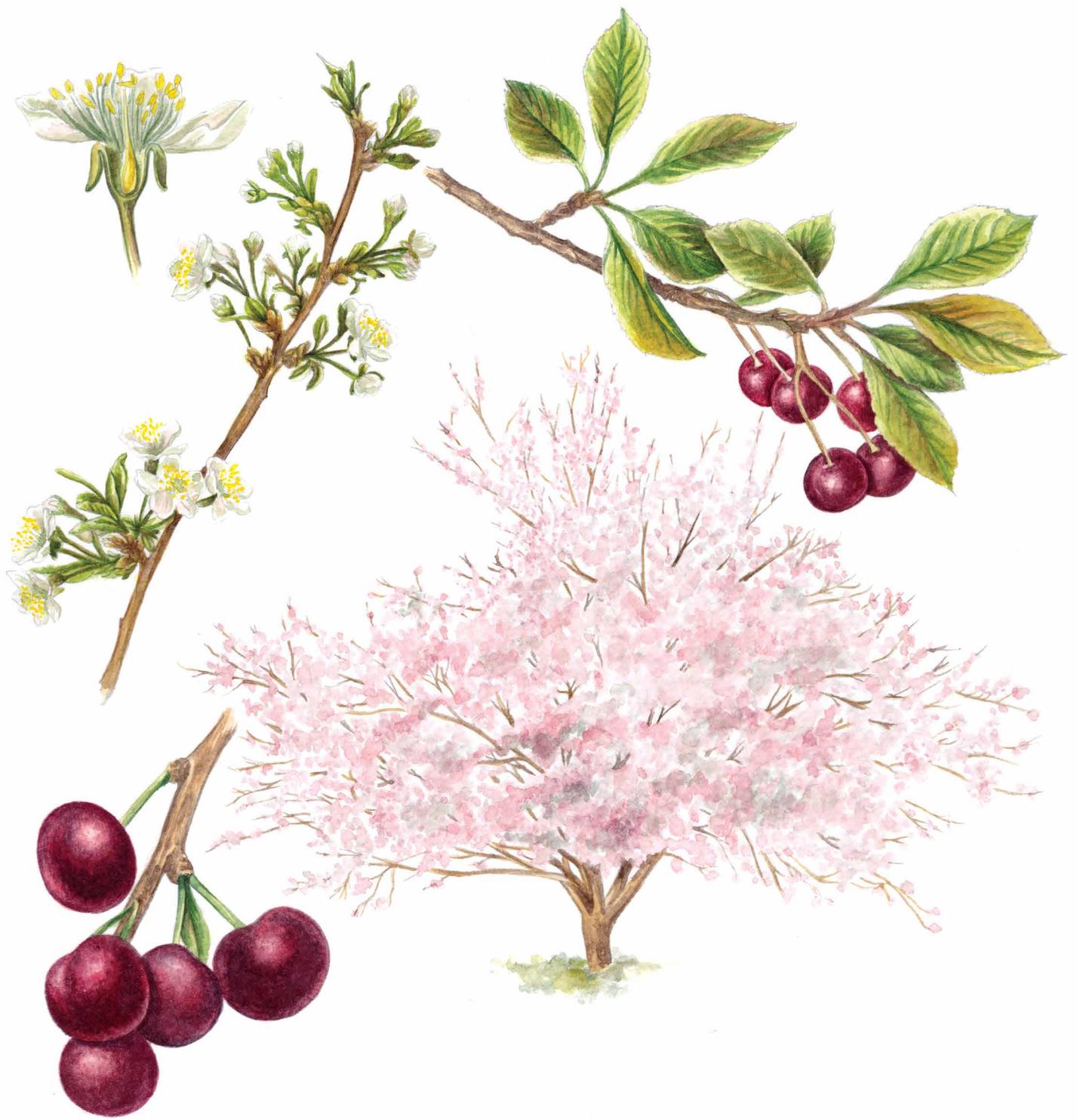
Os agricultores não sabiam, mas provado está que a quinua, junto com o milho, fazem tanto bem quanto o arroz-e-feijão, e que é uma mistura tão rica quanto o trigo inteiro e a lentilha. Não tardou muito e logo se espalhou a fama saudável da quinua, hoje um prato de famílias abastadas. Como não gastaram o que não tinham, quando venderam a sua

produção, mês a mês, juntaram dinheiro na poupança. Recusando as soluções fáceis, puderam ir construindo, pouco a pouco, uma linda casa!

Moral da história:

Não gaste antes de ter ganhado o seu dinheiro, pois para quem é, bacalhau basta.





As cerejeiras açucaradas

As cerejeiras estavam tristes. Por quê? Porque estavam tão longe de sua saudosa terra amada... De onde avistavam o imenso monte Fuji, do Japão. Debaixo delas as gueixas apaixonadas beijavam seus amantes e as crianças corriam sem ser importunadas.

Mas as cerejeiras estavam tristes, porque foram plantadas em uma esquina de São Paulo, de onde apenas podiam avistar carros barulhentos, pessoas apressadas indo e vindo para o trabalho incessante, amarguradas pela elevação dos preços, crianças sendo puxadas brusca-mente no braço pelas babás para atravessar a rua e entrar no turno escolar.

Então... Chegou a época de dar cerejas, o outono. Aqueles pequenos pontos vermelhos, rosados por dentro, suculentos como as palavras certas que atravessam o coração.

Mas nenhuma das belas cerejeiras se animava a dar fruto, pois ali ninguém lhes aguardava ansiosamente. Ainda assim davam lindas flores, mas quando alguém lhes passava as mãos, era apenas para se recostar e aguardar o ônibus. Encostavam até a sola dos sapatos nas sagra-das e delicadas cerejeiras – coisa que jamais se passaria no Japão, onde, além de veneradas, até se marca horário para ver as pétalas de suas flores caírem suavemente no ar...

Passava por ali, contudo, um menino apressado para chegar à escola. Naquele dia, era o aniversário de sua professora. Por ela nutria aquele amor sagrado, a paixão desvairada dos primeiros anos, quando as crianças confundem as professoras com suas mães e, contudo, por elas desenvolvem um afeto muito mais intenso. Quando seus coraçõezinhos palpitam a ponto de cochicharem juras de amor ao pé do ouvido...

Naquele dia, então, o menino buscou quatro galhinhos cheios de flores de cerejeira, para enfeitar os cabelos de sua professora. Enquanto dedilhava delicadamente, a cerejeira despertou finalmente para o amor, em meio aos seus galhos lhe deu uma cereja. Embora uma cereja apenas, deu-lhe uma cereja açucarada!

Quando a professora colocou a cereja açucarada nos lábios, o menino imaginou o quanto seria bom dar-lhe um doce beijo ensandecido. Ela, achando graça do mocinho em nutrir a beleza da paixão infantil em tão tenra idade, perguntou se ele haveria de trazer mais cerejas daquelas.

Animadas, as cerejeiras rapidamente produziram tantos frutos que as pessoas passaram a andar de mãos dadas debaixo delas e a ficar nos finais de semana acariciando e vasculhando seus delicados galhos. Assim, foi declarado tempo de cerejas em São Paulo, como no Japão.

Moral da história:

As palavras são como as cerejas, vêm umas atrás das outras.

A vitória-régia

As plantas-mosaicos, os lírios d'água, as ninfeias, os aguapés, juncos e papiros-brasileiros reuniram-se para decidir sua disposição no lindo lago ao redor de um palácio.

Contudo não compareceu à reunião a desligada e imensa vitória-régia, que preferia ficar nadando com os cisnes a enfrentar aquelas penosas reuniões de condomínio, onde era sempre provocada pelo aguapé e colocada no cerne das opiniões. Nem por isso as plantas deixaram de falar a seu respeito:

— Na certa, se acha a rainha deste lago! – reclamou o aguapé, que, apaixonado por ela, desejava vê-la.

— Ela não precisa de nós, reles plantas aquáticas mortais, deixemo-la seguir seu caminho – disseram os juncos ranzinzas.

Os lírios d'água supuseram, nervosos, prontamente:

— Não está florida, nem vai florir, por isso não veio!

As plantas-mosaicos, muito profissionais, ocupando a presidência rotativa, previram a nova disposição da vitória-régia no lago e decidiram que quando ela aparecesse que se informasse para se colocar em seu novo lugar.

As ninfeias, muito estimadas pela vitória-régia, tomaram nota de toda a disposição das plantas e flores, para depois contar à amiga.

Mas o papiro-brasileiro, vendo que as ninfeias transmitiriam a sinfonia e a nova coreografia das plantas à vitória-régia, votou para que esta ficasse no canto oposto do palácio. Queria que a rainha vitória-régia aprendesse uma lição: se quisesse participar da sinfonia de Burle Marx, nada de ficar nadando por aí com os cisnes. Que comparecesse às reuniões de condomínio e enfrentasse a mesma conversa chata de votar nova coreografia, como as demais plantas.

Assim que se puseram em todos seus novos lugares, chegou a vitória-régia toda imensa e florida, como se esperava, e postou-se bem ao centro do espelho d'água, dando uma de João-sem-braço...

As plantas-mosaicos pensaram em advertir que sua posição aprovada em assembleia não era ali, que procurasse outra parte; mas estava tão absurdamente linda e florida a vitória-régia! E de ter aprendido a nadar com os cisnes fluava com tanta facilidade que as plantas-mosaicos sentiram ter sorte de estar juntinho dela. Pediram à maravilhosa flor que ficasse ali junto de si.

Moral da história:

Quem nada não se afoga.





LA
19

As árvores que demandavam o desmatamento da floresta

Algumas árvores tropicais da Mata Atlântica que ficavam em uma fazenda estavam muito preocupadas. No lugar de um monótono canal, viam um grupo de eucaliptos surgir na paisagem, juntamente com pinheiros plantados aos milhares. Disseram umas às outras:

— Não há sol para tantas árvores assim, irão nos fazer sombra! – exclamou a primeira.

— Sem dúvida que esse grupo de numerosos eucaliptos não é sustentável, não seguem em nada a ordem da floresta tropical e são ainda piores que os canaviais – disse a segunda.

— Façamos um protesto, esses pinheiros desperdiçam nossos nutrientes! – disse a terceira.

Concordaram que aquela nova organização e disposição da sociedade botânica era péssima, porque não lhes oferecia nenhum resultado ou crescimento vegetativo; o novo sistema não as representava! Saíram as árvores pelas ruas com placas, pedindo o desmatamento imediato daquela floresta inteira. Por serem árvores tropicais, julgavam-se protegidas pela legislação vigente, que proibia árvores nativas fossem derrubadas. Não buscavam seus direitos; mas desprezavam os direitos dos pinheiros e dos eucaliptos.

Chegou a época de produzir papel, e vieram então as máquinas para cortar no tempo certo os eucaliptos e pinheiros.

Reclamavam tanto as árvores tropicais pela plantação daquelas minorias, que os homens, já fartos, também passaram os tratores, então, por cima delas, para derrubar a todas.

Quando reclamaram a lei de conservação, os serradores indagaram:

— Mas não sois também vós, árvores? E não pedistes tantas vezes para a floresta ser desmatada? Em nada diferis substancialmente das demais; deveis, portanto, também pagar a taxa que nos deveis por terdes ocupado este espaço. Argumentai nos tribunais!

Puseram fogo na base de seus troncos e derrubaram cada uma delas. O rio e a chuva nada fizeram, pois também estavam fatigados dos longos protestos e foram buscar paz em outra parte. E desmatadas, não tiveram forças para reclamar seus direitos nos tribunais.

Moral da história:

O que reclamares para os outros, também poderás obter para ti.

O túnel mágico das ficus

Era uma vez, na quadra mais bonita de uma cidade, três árvores gigantescas plantadas no legendário dia 13 de setembro. Eram ficus belíssimas. Foram crescendo, ganhando corpo, e logo quem as plantou teve uma ideia sensacional: esculpir, dentro delas, um túnel mágico, como o das árvores de contos de fadas, onde se abrigavam esses pequenos seres cintilantes.

A prefeita da quadra, ao observar o que o jardineiro estava fazendo, achou uma esquisitice, precipitadamente acusou-o de interferir negativamente no crescimento das plantas. Entregou-lhe uma nota extrajudicial avisando que, se prosseguisse cuidando das árvores que plantou dessa forma, iria destituí-lo de seus afazeres. Impediu, ainda, que ele se aproximasse das suas árvores sem autorização da prefeitura.

A déspota prefeita pouco se importava com a forma que as árvores teriam no futuro; apenas queria demarcar seu território e subjugar o jardineiro para que ele soubesse o seu devido lugar, a seu ver, inferior ao papel de prefeita.

O jardineiro, perplexo e muito decepcionado, em primeiro lugar ironizou a iniciativa. Ora essas! Ele não era justamente o jardineiro, e seu papel não era justamente o de cuidar das plantas?! E também perdeu a paciência com aquela pretensa autoridade esbanjando autoritarismo. Ele havia plantado as árvores! Não cabia a ele o direito de se ocupar delas em parte do seu tempo?

A prefeita, comemorando que o jardineiro protestasse, adorou prosseguir na discussão e abriu um processo judicial junto à Vara Cível, ameaçando prendê-lo, apelando para falsos testemunhos de seus aliados perversos, tratando o pobre do jardineiro como um inimigo político fidalgo! Abriu um boletim de ocorrência em que apenas foram ouvidas suas testemunhas e ordenou aos policiais que não tomassem depoimento algum do jardineiro. Ofereceu favores a um e a outro morador para que questionassem a capacidade do jardineiro, em juízo. Paralelamente, reuniu os moradores das quadras e afirmou que apenas a prefeitura tinha o direito de determinar a disposição e poda das árvores, porque era a prefeitura que mantinha fundos financeiros para isso e quem pagava pela manutenção dos jardins. Ela queria demonstrar a sua superioridade sobre o jardineiro, mostrar-se indiscutivelmente melhor e maior.

Oprimido tanto pela prefeita despótica quanto pelo autoritarismo das instituições a que recorreu, e lamentando um argumento tão reprovável, como se o dinheiro ou favores comprassem o direito de plantar árvores e cuidar de flores, o jardineiro sabiamente deixou de discutir. Afinal, o que ele havia feito além de amar aquelas árvores? Ele via um



LA
19

futuro brilhante e mágico para elas, mas por isso mesmo não queria brigar nem estragar a paz e a alegria ao seu redor. Tentando se acalmar, foi cuidar de flores e plantas das adjacências em outras quadras vizinhas. Ele, de todo modo, pensava todo o tempo nelas e seguia argumentando que necessitavam de seus cuidados, pois amava suas mudas como sua vida. Desejava do fundo de seu coração que crescessem saudáveis e portentosas.

Triunfante, a prefeita, bem à sua vista, ia regar as plantas ela mesma raramente, designando a tarefa a terceiros que não conheciam aquelas árvores asiáticas, para que o jardineiro se desesperasse. A fim de provocá-lo, dizia em voz alta e azeda, para que o jardineiro ouvisse:

— Apenas eu posso autorizar a rega e a poda dessas árvores! Porque eu é que detenho os fundos dos moradores para pagar por isso!

E, para humilhá-lo ainda mais, oferecia a ele a concessão de que pudesse regá-las uma vez por mês, se pagasse a ela 100% do seu salário.

Sem ter como pagar esse valor, e tendo a justiça dos homens nada feito para que ele seguisse vivendo e pudesse acariciar e regar suas plantas, o jardineiro contraiu dívidas. Para a justiça dos homens, essa era uma questão irrelevante, e não viam nenhum problema em que a prefeita humilhasse o jardineiro. Algo de errado o jardineiro deveria ter feito, calculavam de modo primário e ignorante, para assim não ter o trabalho de investigar a real origem dos abusos da prefeita, calcada no prazer de humilhar mais puro e simples.

Cada dia o fardo era mais pesado, e nem sempre ele tinha o que comer, mas os amigos e familiares por vezes lhe convidavam para jantar. Assim, ele achava que era possível e valia a pena dar a sua vida por aquelas árvores. A sua felicidade dependia inteiramente de que crescessem bonitas e saudáveis. Tinham muito afeto e amor entre si; no fundo, as árvores o amavam por tê-las plantado e cuidado desde pequenas. Pela noite, ele escrevia para as revistas de botânica sobre paisagismo do país e do mundo inteiro, e enviava exemplares delas a todos os jardineiros que transitavam por ali, de modo que os terceiros que cuidavam de suas árvores, comentando de boca em boca, soubessem como tratá-las. De fato, como que por sorte, mágica ou milagre, a alimentação e poda que lhes davam era exatamente a que o jardineiro lhes preparava. Cresciam com a confiança de que o jardineiro as amava. Talvez D'us ouvisse suas orações dia e noite?

Quando finalmente ficaram fortes e adultas, o túnel estava esculpido dentro delas, e fazia a paisagem mais magnífica e original de toda a cidade. Todos vinham ver as três árvores unidas, através das quais se podia caminhar, se enamorar, escrever poesia e sonhar juntos. Por outro lado, mesmo sob a implicância da prefeita, o jardineiro obteve autorização para construir uma banca. Com o movimento das pessoas que vinham de toda parte contemplar aquela obra de arte, ele conseguiu vender livros e revistas e pagar com o tempo as dívidas que contraiu para ver e ter junto de si, ainda que ocasionalmente, suas árvores.

Quando mais velho, as árvores cuidaram dele, e puderam passar juntos quanto tempo quisessem, vivendo muito felizes. Ele foi ficando mais pequenininho, do tamanho de um

vaga-lume. Voando dentro do túnel que ele havia ajudado a construir, para sua surpresa, notou que as árvores haviam preparado uma linda casa. Que surpresa! Viveram felizes para sempre!

Quanto à prefeita tirana: ela morreu sem nenhuma pompa que tanto buscou em vida, sem alegria verdadeira ou ternura em seu coração; e suas provocações e atos cruéis foram para sempre esquecidos.

Moral da história:

Os tolos se arrogam com suas posses e poder, mas a sabedoria não tem preço e o amor é de graça.



Evólculo apaixonado

Uma flor muito lindinha, toda azul aveludada, que cresce muito abundantemente em um arbusto, vivia feliz e quieta em seu canto. Contudo, plantada em um jardim de inverno, buscava sol para que pudesse sobreviver e um jardineiro que pudesse aguar-la, pois não caíam ali muitas gotas de chuva. Tendo crescido para a esquerda do jardim, encontrou um jovem rapaz que imaginou pudesse ser um jardineiro. Mas ele não prestou muita atenção na planta, pois suas flores azuis eram muito sutis meio a tanto verde. Passou por cima do arbusto com seu carro. Outras pessoas que ali transitavam também pisotearam o arbusto amassado, sem perceber o que faziam. A flor foi massacrada.

Bastante dilacerada, estendeu um galho então mais ao centro do jardim e foi parar aos pés de um homem, a quem pediu que chamasse um jardineiro, pois passava muito mal. Para sua surpresa, ele a recolheu do chão, plantou-a em um vaso, colocou em sua estante pessoal e a regou ele próprio. A planta estava ainda preocupada com a falta de sol que lhe afligia, mas percebeu a boa vontade e quis retribuir tão atenciosa gentileza. É o que fazem as flores, especialmente as aveludadas. Abriu muitos e muitos botões perfumados. Prestando melhor atenção, notou que seu uniforme não era de jardineiro. E estava sempre muito ocupado! Tratava-se, na verdade, de um soldado. A planta estava em um quartel! Como havia ido parar ali?

Para sua maior surpresa ainda, notou que o soldado que a havia recolhido era um homem fabuloso. Não havia nenhum defeito que pudesse encontrar nele. Afinal, era um soldado brasileiro, e por tradição, desde a II Guerra Mundial, todos esses soldados sabem, além de construir pontes, cultivar os mais belos jardins. Dizem os grandes estrategistas militares brasileiros que essa é a melhor tática para prevenir e acabar com qualquer guerra.

Todos os dias o soldado acariciava as pétalas aveludadas de suas flores, e logo, logo, o evólculo se apaixonou. Perfumava todo o ambiente. Mas sabendo ser seu jardineiro um soldado muito firme, não sabia como dizer a ele que o amava. Isso faria alguma diferença em sua vida? Era apenas uma flor muito ordinária; não tinha toda a graça, força e presença de uma rosa que seduz e cativa príncipes. Ainda assim, todos os dias pensava em como fazê-lo e tentava se declarar a ele.

O soldado, por ter suas tarefas, vivia ocupado, mas bem notou seu afeto. Contou à planta que não poderia ficar com ela, pois seu futuro era incerto, e que ela deveria escolher alguém que pudesse cuidar de si. Fez uma lista com mais de cinquenta colegas e pediu que todos eles viessem ver sua plantinha florida, para cuidar dela quando ele tivesse de partir. Azulzinha, desesperada com a ideia de se separar de seu jardineiro, aceitou, com uma

condição: que os seus amigos apenas a vissem pela tarde. O soldado, querendo agradá-la, disse que tomasse o tempo que quisesse para ver isso.

Como se sabe, o evólculo abre suas flores adocicadas apenas pela manhã. Pela tarde, elas murcham e se escondem, e por essa razão se torna parecida com um arbusto de mato qualquer. Um a um vinham os colegas do soldado, ouvindo a descrição de uma flor fragrante, delicada e discreta, mas viam apenas um monte de mato emaranhado. No início, a azulzinha teve medo de que alguém pudesse notar que ela tinha flores. Um de seus amigos se aproximou e quase a avistou com o nariz seu cheiro. Mas ela ficou bem recolhida, bem quietinha, até murchou as folhas! Com a maior experiência após as primeiras visitas, conseguiu até dormir durante uma daquelas visitas. Aliás, um dos visitantes era o moço que a atropelou. A florzinha foi amável, de um modo tão frio e distante, que a temperatura do País inteiro caiu. A decepção dos convidados era imensa! O soldado exasperava-se que a sua plantinha ainda não tivesse um dono que pudesse cuidar dela, mas a planta não se importava com o que os outros pensassem. Ela apenas não queria sair de perto dele de modo algum. Sabia que nada há na vida de mais instável do que a opinião alheia, sempre propensa a mudar quando se julga consolidada. Além disso, o evólculo gostava de ficar observando seus lindos portarretratos e de vê-lo trabalhando.

Acontece que o soldado não pôde evitar e teve de ser removido para um posto distante do quartel. O general, vendo a sala organizada de seu soldado, num relance admirou a florzinha bem-cuidada e perguntou se poderia ficar com ela. É lógico que, nesse caso, a azulzinha aceitou ir sem protesto, pois tratava-se do chefe de seu amado. Tomou as providências necessárias, após agarrar-se em sua perna e perguntar dezenas de vezes ao soldado se deveria mesmo ir. Ao fim e ao cabo, pensou que passaram um bom tempo juntos e que isso era suficiente para uma flor.

Já plantada ao ar livre, todos os dias, pela manhã, juntavam-se entre suas ramas muitas gotas de orvalho, misturadas com suas lágrimas. Embora não se arrependesse de decepcionar tantas pessoas que a visitaram, ela se arrependia profundamente de não ter conseguido contar ao soldado o quanto o amava.

Moral da história:

Não deixe para fazer amanhã o que você pode fazer hoje.

A figueira ingênua

Uma senhora, dona de seu próprio jardim, plantou três árvores: uma figueira, um cedro e uma amoreira. Ao redor, colocava amores-perfeitos, na primavera. E no inverno, recobria em um círculo calicantos e membrilhos de jardim, para manter suas mudas sempre perfumadas e alegres.

Contudo veio a guerra, pois era o ano fatídico de 1943. A senhora teve de servir nas Forças Armadas e se viu na obrigação de deixar suas árvores tão queridas por dois anos. Disse assim a elas:

— Minhas queridas árvores, a natureza as fez perfeitas. Estou muito triste de não poder vê-las nem cuidar de seu crescimento por tanto tempo. Deixo meus conselhos: não se inclinem à má conversa das ervas daninhas e do mato, que apenas querem sugar os nutrientes ao seu redor e em nada contribuem com sua presença irritante. Enviarei todo mês um jardineiro para alimentá-las e podá-las.

As três árvores se entristeceram, mas disseram que iriam obedecer à senhora jardineira e aguardá-la com fé e esperança.

Nesse meio tempo, veio o verão, e começaram a crescer perto das três árvores ervas daninhas muito egoístas e egocêntricas. Egoístas, porque queriam todos os nutrientes apenas para si; egocêntricas, porque apenas pensavam em si mesmas, rezingando meio à sua lambança e ignorando a dificuldade alheia.

O jardineiro que a dona das árvores havia contratado não apareceu. Ele também foi designado para servir na guerra, e com isso as árvores tiveram de lidar elas mesmas com a propagação das ervas daninhas.

Estas disputaram com o amor-perfeito e, no verão, o destruíram.

O cedro e a amoreira detestaram ver as flores dando lugar àquele mato horroroso. Ignoraram a conversa fiada das ervas daninhas e continuaram crescendo na esperança da volta de sua jardineira, por mais que, maldosas, dissessem que a jardineira jamais voltaria.

Ao redor da figueira, cresceu uma erva daninha cheia de sementes. Com sua voz rouca e estridente, desafinada, cantava e se regozijava com os nutrientes que a jardineira havia deixado para a figueira. Quando a figueira reclamou de ver diminuído seu patrimônio, a erva daninha respondeu: “Olhe para mim, que sou cheia de flores e de frutos! Sou assim porque sou egoísta e penso em mim mesma antes de pensar nos outros. Deixarei você prestar atenção em meus modos. Se você imitar a forma como eu cresço vertiginosamente, poderá crescer igual a mim. E não lhe cobrarei nada por uma lição tão útil!”.

A figueira, muito triste de estar longe de sua jardineira, aceitou a companhia e os ensinamentos da erva daninha. Aquele mato horroroso cresceu ao redor de toda a figueira, quase a sufocando. Mal podia ver o sol. A erva daninha a cada dia ensinava, dando uma de professora: “Muito melhor é viver na sombra, figueira, por essa razão te cubro com minhas folhas, apenas para te proteger dessa jardineira infantil, que não liga para você nem para o seu crescimento. Observe com atenção e um dia você poderá dar frutos tão belos, abundantes e importantes quanto os meus”.

A figueira, ingênua, em tudo ouvia a erva daninha. Ficou envergonhada e se sentiu pequena por não ter frutos, como a planta parasita.

Passaram-se os dois anos. A jardineira voltou, mesmo antes do fim da guerra, pois apenas pensava em suas árvores. Viu de longe, quando chegava em seu carro, o cedro e a amoreira imensos, produzindo folhas belíssimas e frutos adocicados. Correu para eles, para aguçá-los e revolver a terra com adubo, quando se deparou com um mato imenso ao redor da primeira árvore que havia plantado. Começou a chorar, achando que a erva daninha acabara com todos os nutrientes da preciosa figueira, que a havia matado. Arrancou com força e com raiva todo aquele mato inútil e feio, que tinha galhos fracos e folhas recobertas de perebas. A figueira havia estagnado em seu desenvolvimento, apenas alcançava a altura do mato.

— Ó, minha figueira linda e preciosa, princesa das árvores, rainha dos frutos adocicados, por que crescestes apenas até a altura desse mato horroroso, e não deste nenhum fruto?

A figueira ficou furiosa: acreditava apenas na erva daninha, e em silêncio achava que a jardineira tinha a culpa, por tê-la abandonado.

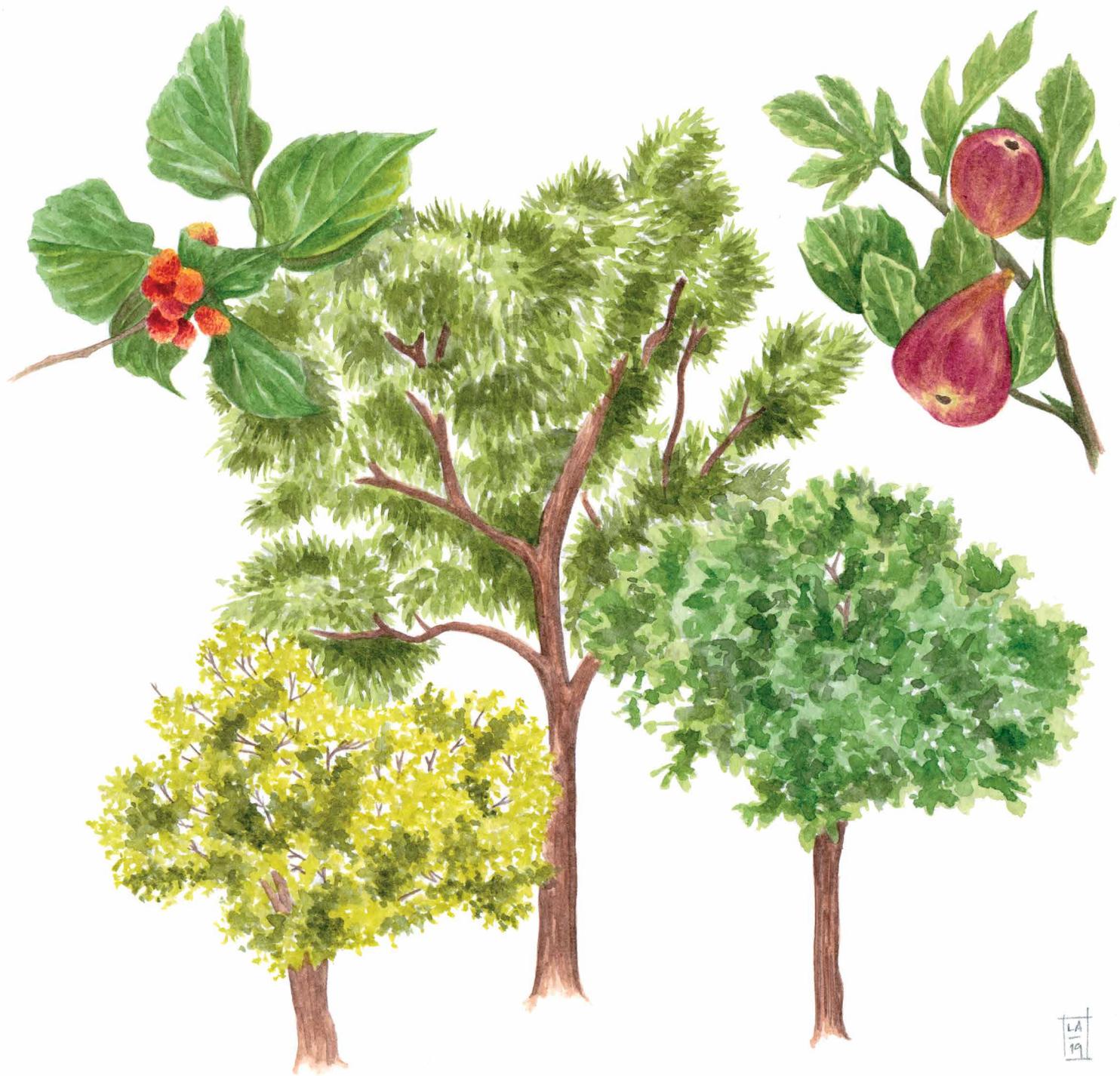
— Estás com inveja da erva daninha, porque ela me ensinou enquanto me abandonaste! – buscava justificar-se.

Enquanto a jardineira queimava enraivecida todo aquele mato e destruía os frutos podres da erva daninha com veneno, a figueira gritava por quem julgava sua amiga. Repetia que admirava as conquistas da erva daninha, quem a havia ensinado a não dar nenhuma flor e nenhum fruto grande e doce, sendo sempre egoísta e buscando ganhos apenas para si mesma. A jardineira não se importou com a opinião horrorosa da erva daninha e insistiu à figueira que tivesse bom senso:

— Alimentaste essa parasita maldita, que diminuiu e roubou todos os nutrientes que eu lhe havia deixado! Não foste tu mesma conforme tua própria natureza, imitaste uma erva daninha que se propaga em qualquer canto, que não dá nenhuma flor nem fruto comestível!

Revolveu a terra incansavelmente e adubou a figueira, que então começou a crescer vigorosamente. Deu belos frutos finalmente, seu caule engrossou e dele saíram grandes galhos. A jardineira, exausta, mostrou seus frutos à figueira.

— Veja agora os teus frutos, como são grandes e preciosos, figueira, sem parasitas ao redor.



LA
19

Ao perceber a vida restaurada ao seu redor, as cores dos amores-perfeitos e o inequívoco dulçor de seus frutos, a figueira finalmente agradeceu à jardineira pelo seu amor e empenho.

Moral da história:

Quem imita modos mesquinhos não dará belas flores nem bons frutos.

O uirapuru e a caliandra

O uirapuru tinha um grande, imenso desejo de encontrar a felicidade. Ele sentia que necessitava de algo no que se proteger. Quase uma angústia no peito. O uirapuru queria cantar, cantar livremente, sem ser uma carta no baralho da selva, queria proteger-se em algo que lhe ouvisse tão atentamente que pudesse ser parte de si mesmo. Tão sensível, o som divino e suave de flauta com que seu canto brindava a floresta!

Reza a lenda que os reis e as rainhas cobiçavam os objetos pessoais do passarinho como talismãs. Os índios guaranis diziam que se uma mulher colocasse um pedacinho do ninho do uirapuru debaixo do travesseiro e dissesse as palavras suaves dos desejos do seu coração, surgiria o seu verdadeiro amor. E o homem que usasse a pena do uirapuru seria irresistível às mulheres, teria sorte nos negócios.

Por essa razão, apenas por quinze minutos ao amanhecer, e por quinze minutos ao anoitecer, o uirapuru encantava a floresta, para logo desaparecer sem deixar rastros de sua intimidade, pois detestava o culto às celebridades tão em voga naquele tempo. As demais aves, com inveja de sua melodia pura, chamavam aos machos dessa espécie de afeminados, e às suas fêmeas de solteironas, pois raras vezes deixavam seus ninhos.

Certa vez, um uirapuru, que começava a desesperar-se por não encontrar uma fêmea de sua espécie, resolveu ele próprio construir sozinho seu ninho. Tanto maior foi o espanto das aves, pois só iniciam tamanha empreitada depois de dedicar todo seu esforço a antes encontrar uma fêmea. Perfiladas ao lado de um estacionamento, uma linha de caliandras se erigia; aquelas árvores que dão flores brancas e rosa-choque e que, em certa época, têm as suas folhas espessas. E justo ali, onde havia colibris, carriças e ocasionalmente bem-te-vis, pousou o uirapuru, depois de viajar muitos milhares de quilômetros procurando um lugar afável. Julgou que pudesse repousar naquele lugar sem grandes preocupações, porque eram árvores bem retorcidas e passavam por ali poucas pessoas.

Ao juntar cuidadosamente pedacinhos das favas de sementes e galhinhos delicadíssimos, com folhas tão pequeninas e numerosas, a caliandra sentiu cócegas. Perguntou que fazia ali um passarinho tão colorido, exótico e inusitado, da floresta amazônica. Quando notou que estava fazendo ninho, ficou ainda mais curiosa, a árvore. E observava o passarinho indo e vindo, de árvore a outra, e retornando a si pela noite. E que canto invejável! Logo fez crescer os espessos galhos ao seu redor para protegê-lo maternalmente.

Numa manhã, puxou conversa.



— Uirapuru. Jamais vi um passarinho nem sequer parecido contigo por estas bandas. Tens certeza que irás encontrar uma fêmea?

O uirapuru não dizia nada. Estava acostumado a duvidarem tanto de si quanto de seus planos.

E lá permanecia o uirapuru, que a caliandra bem poderia jurar parecer-se com uma ave-do-paraíso, por seu comportamento tão irregular e diferente. Só que as aves-do-paraíso moram num lado tão longínquo do mundo, que até a caliandra enviar um correio elegante pelas árvores, os passarinhos inteiros daquela geração já teriam se passado.

Quando o uirapuru começou a fecundar suas flores, trazendo e levando pólen, a caliandra novamente o interpelou, perguntando por que razão, pelo céu e a terra, se dava ao trabalho de fazer isso, havendo tantos beija-flores. A ave explicou que era grata pelo abrigo, indagou se deveria parar de fazê-lo; a caliandra obviamente respondeu que não; preferia sem dúvida que uma ave canora permanecesse tão lealmente consigo. Os volúveis beija-flores dedicavam-se não apenas a ela, mas a todas as árvores mais fáceis, e tampouco têm canto, que dirá um canto lindo. Assim ficaram bons amigos.

— Uirapuru, não me conformo que não tenhas ainda filhotes, que sacrilégio não proparar tua espécie, justamente a mais bela de todas! E justo tu, que me fazes a tão grande cordialidade de auxiliar-me com minhas sementes.

O uirapuru agradeceu, modesto, porque não notava que as aves cessavam seu canto apenas para ouvi-lo pela manhã e pela noite. De fato, se sentia triste; e a caliandra, impotente, por não encontrar um par que pudesse juntar-se a ele.

Ela não confessava, mas a árvore estava completamente apaixonada por aquele passarinho persistente. E de que adiantaria confessar-lhe? Era uma árvore, não um pássaro. Foi quando à caliandra ocorreu a ideia de dar flores distintas, de pétalas tão finas, generosas e delicadas quanto o canto do uirapuru, para que, ao fecundá-las, o pássaro pudesse sentir o calor e o carinho que não havia obtido de sua espécie.

Moral da história:

O amor verdadeiro transpõe todas as barreiras.

A figueira fascinante

No imenso jardim da vida, um homem e uma mulher compraram dois pedaços de terra com um belo céu. Do sítio da mulher, podia-se ver praticamente o mundo inteiro. E no sítio do homem, havia dois ou três precipícios íngremes, dos quais se avistava a profundidade da terra, de onde se ouvia o tênue e suave som molhado de um curso d'água. Ambos davam para aquele horizonte de nuvens sobrepostas, de morros imersos no azul de suas encostas.

Entre os dois sítios, havia um pasto. O homem e a mulher, contudo, não tinham nem vacas, nem bois com chifres pontudos. Não havia razão, portanto, para aquele pasto imenso. Sem se conhecer pessoalmente, e apenas sabendo vagamente da existência um do outro, ambos começaram a plantar diversas árvores de todos os tipos: amoreiras, bananeiras, pé-de-ingá, biribazeiros, e, quando chegaram à divisa, ambos plantaram uma muda de pitangueira. Quando se viram, foi quase se olhar no espelho do tempo: um amor à primeira vista.

Passaram cada um pelo seu sítio, mostrando um ao outro as árvores, os arbustos, as flores. Logo que viu o jardim da mulher, cheio de orquídeas, lavanda, alecrim, o homem mandou plantar um monte de flores e mais um tanto de verduras. A mulher sorriu. Ela notou que não havia no sítio do homem uma figueira. A figueira, vocês sabem, é a árvore mais esplêndida de todas, quando cresce. Alta, portentosa, altiva, invencível, ela espalha os seus galhos fortes e folhas frescas ao longo de muitos e muitos metros, cobrindo o chão de sombra o suficiente para montar várias mesas de casais apaixonados, de onde podem alcançar os seus galhos pendentes e saborear o doce, suculento e carnudo fruto de figo.

Caminhando pelo pasto, a mulher mostrou a muda ao homem e ambos plantaram a figueira, ainda pequenina, perto da casa de cada um. Enquanto a mulher afofava a terra, para que a árvore pudesse penetrar a terra com raízes bem profundas, o homem colocava de 100 a 120 pedras sobre o solo, porque ali naquele pasto havia um descampado e muito sol. Era portanto preciso proteger o solo, e reter o orvalho da manhã, tanto do lado da mulher, mais abundante, quanto do lado do homem. Com as pedras ardentes, a figueira estaria bem irrigada e a água do solo ficaria retida. E de fato a pequena muda rapidamente dobrou de tamanho com essa sabedoria de ambos.

Num belo dia, enquanto regavam, e a mulher imaginava seus frutos, as crianças brincando e se escondendo pelas raízes lenhosas e espraiadas da figueira, e antecipava que poderiam beber vinho, namorar, provar os mais deliciosos pratos debaixo daquela sombra, quando pudessem instalar ali uma mesa... Quando justamente ali, ao lado da frondosa pequena árvore, uma cerca-viva de coroa-de-espinhos começou a se manifestar. Oras, se a figueira ficasse do tamanho natural que todos esperassem que tivesse em alguns dez a vinte anos,

haveria sombra demasiada, e a cerca-viva de coroa-de-espinhos deixaria de dar folhas e flores leitosas e avermelhadas. Aos berros, a coroa-de-espinhos começou a chamar mais a atenção do homem que a figueira. Dando ouvido às intrigas da cerca de espinhos, o homem então disse à mulher que era necessário derrubar a figueira.

Estupefata, a mulher se debulhou em lágrimas. Argumentou em vão: o homem sempre achava uma maneira de colocar defeitos na linda figueira: não gostava de abacates; havia plantado, certa vez, uma mangueira que havia dado apenas mangas azedas e cheias de fiapos; a figueira poderia ficar gigante, consumir muita água e esforço de ambos, e não dar frutos; a figueira tinha pouco mais de dois metros, e isso já seria grande demais. Poderia matar os arbustos decorativos.

Aos argumentos do homem, a mulher respondeu como sendo despropositados: a figueira não dá abacate, nem frutos amargos ou azedos ou com fiapos, porque isso não está em sua constituição; e tanto melhores são os figos, que são mais doces, mais suculentos e macios! Enquanto se pode encontrar abacates em toda parte, raramente se pode colher um figo do galho de uma árvore tão bela. Respondeu também que, mesmo depois de crescida, a figueira ainda não alcançaria mais que vinte metros de altura, o que não perfaria, pelo Teorema de Pitágoras, uma sombra de distância no chão maior do que $20x\sqrt{3}$ por $20x\sqrt{3}$, quando o sol fizesse o ângulo de 60° , a maior inclinação de sua sombra desde a ponta da copa. Afinal, os arbustos decorativos do homem ficavam a um quilômetro da figueira e da casa do homem. Como é que poderia conceber hipótese tão remota da figueira aproximar-se de arbustos que não dão flores perfumadas nem frutos? E mesmo tão pequenina, já tão linda, na figueira se faziam notar dois frutos tão doces, que eles próprios provaram! Havia apenas nove dias que tinha sido plantada, e as figueiras crescem mesmo nos climas mais hostis. Plantada com tanto carinho por ambos!

Como a coroa-de-espinhos continuava a reclamar em alta voz, e já havia antes feito com que o homem nela tropeçasse e se machucasse por tê-la contrariado, ele então continuava mencionando a necessidade da cerca-viva de espinhos. Não queria problemas, pensava o homem consigo. Seguiu justificando ser um mal necessário para demarcar o espaço de cada um e prevenir eventuais disputas no futuro entre ambos. A isso também a mulher contra-argumentou: a cerca-viva não desapareceria com a figueira. Ainda que porventura a existência da figueira incomodasse a cerca-viva de espinhos, ela apenas deixaria de dar flores leitosas e reduziria suas folhas, e era precisamente essa a razão pela qual seria tão apreciada: afinal, haviam concordado que desejavam a sombra magnífica da árvore.

A cerca-viva também temia que, quando a figueira estivesse portentosa e quando as crianças estivessem por ali correndo e brincando, o homem mandasse levá-la a outra parte para que não machucasse os casais enamorados e os pequenos. E ainda que não fosse transplantada, de todo modo, com a felicidade do homem e da mulher, uma cerca de coroa-de-espinhos perderia por completo a sua importância. Portanto, continuava a ameaçar machucar o homem, e este insistia na impossibilidade de manter ali a figueira tal como a mulher concebia.

Logo a mulher percebeu que o homem desejava, na verdade, manter o muro de coroa-de-espinhos cheio de folhas e de flores para que fosse espesso o suficiente para impedir a passagem de qualquer ave ou animal da propriedade da mulher para a sua, e vice-versa. Ela compreendeu a necessidade radical do homem em manter as coisas como ele estava acostumado a que fossem, para não se sentir inseguro. Disse então que ela mesma retiraria a figueira dali para plantar em outra parte.

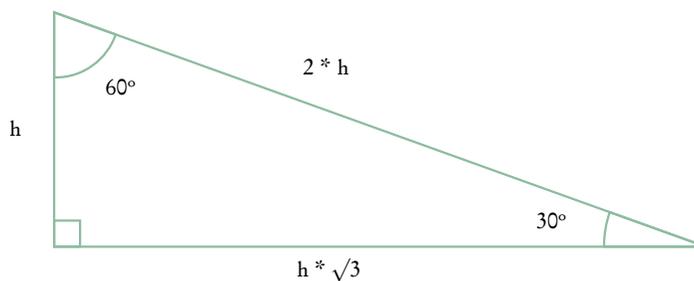
Contudo o homem parecia um tanto decepcionado, porque estava começando a se acostumar com a ideia de uma nova árvore de frutos deliciosos e suculentos no futuro, que pudesse servir não apenas a seus filhos, mas também a seus netos e bisnetos. Pensou consigo: era preciso fazer uma escolha. Pediu à cerca de espinhos que o ajudasse a decidir.

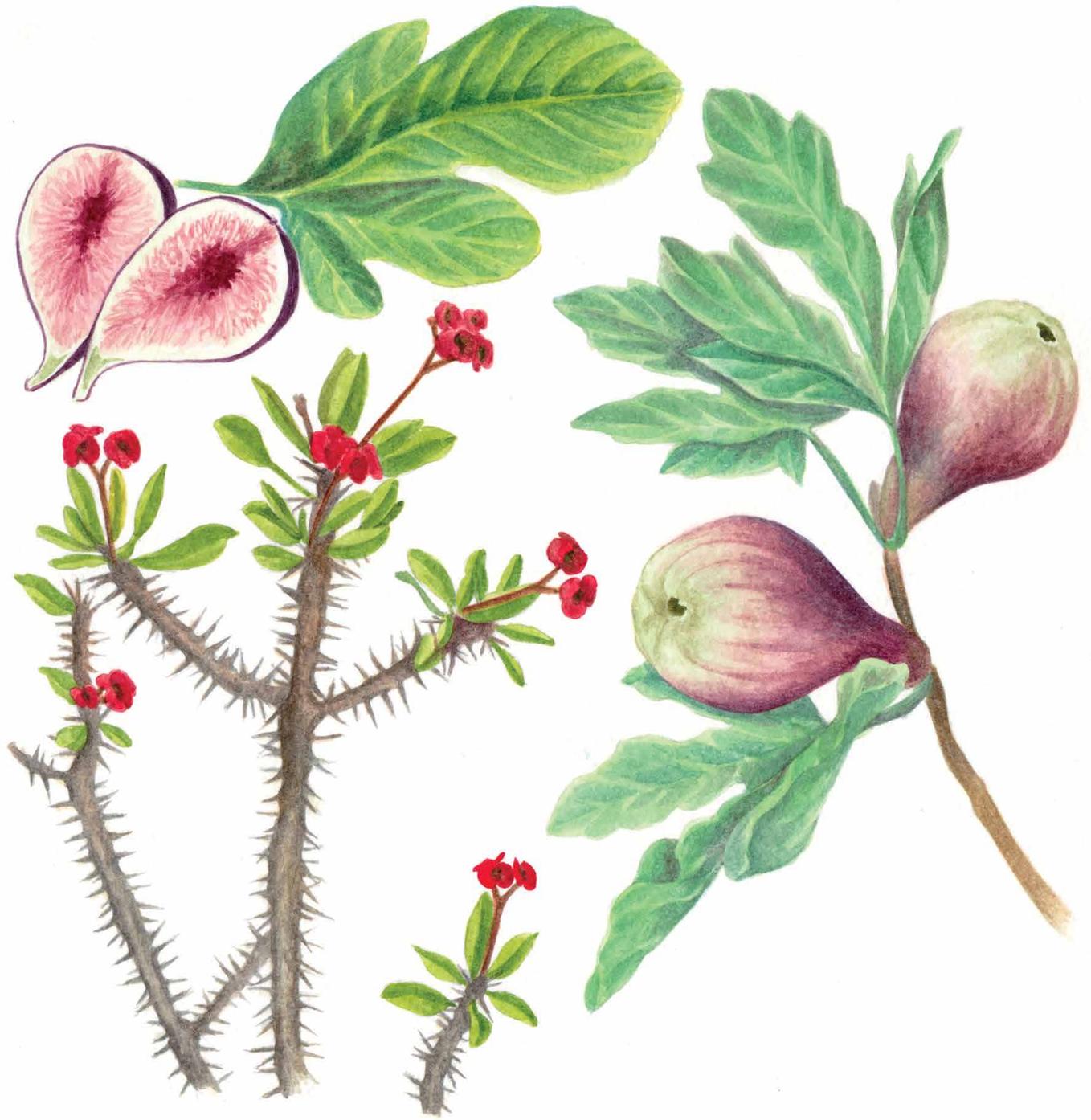
Disse então à mulher que aquela figueira minúscula não tinha mais importância que os demais arbustos que não davam frutos e, assim, ambos seguiram o seu caminho, cada um para um lado.

A mulher escavou e plantou a figueira no ponto mais alto de sua propriedade. De lá, o seu saudoso amigo poderia ver a figueira desenvolver-se e alegrar-se, ao menos de longe, embora não pudesse provar de seus doces frutos.

Moral da história:

Antes de conceber uma visão de futuro conjunta, tenha certeza de que não há, por perto, uma cerca de espinhos.







LA
19

O abricó-de-macaco e a jabuticabeira

Era uma vez um pomar.

Nesse pomar, havia árvores e arbustos brasileiros de todo tipo, desde o tradicionalíssimo jacarandá, passando pelo nobre mogno, até as comuns e banais mangueiras. Havia o raro biribá, o deliciosíssimo, dulcíssimo, inigualável e insuperável abio, os sujos jamelões, que melavam todo o quintal... Havia também as estéreis bananeiras que, não obstante a sua falta de sementes, se propagavam... Havia o eremita pinheiro, e também as soluçantes acerolas, que choravam porque lhe levavam todos os frutos. Os chuchus davam à vontade nos muros de cerca-viva e... Ah..! Ó, Deus, havia ali também o ingá, aquela fava longuíssima mais bela de todas, com seus frutos porosos, doces e algodoados. O jambo dava frutos de lábios vermelhos e carnudos, e também as melancias davam ali no chão em toda parte.

Certa vez foi parar ali um abricó-de-macaco. Foi crescendo aos poucos. As outras árvores disseram,

— Olha, como estás crescendo rápido, abricó! E teus frutos?

Veio dezembro, e perto do Natal surgiram as primeiras flores. Como se sabe, o abricó-de-macaco dá flores de boa fragrância, e suculentas amêndoas gigantes em forma de bola, que os macaquinhos amam de paixão, mas que os homens consideram de um aroma intragável. Com aquele perfume bizarro, ouvindo jazz, o abricó-de-macaco não conseguia escutar nada do que as outras árvores comentavam. Estava ali dando um monte de flores, em seu caule compriiido, que chegava até o céu... O abricó-de-macaco, por ser muito alto, conversava por vezes com as nuvens. Sabia, por causa disso, até de quando ia chover.

As plantas do jardim, contudo, ouvindo o trompete e sons dos macaquinhos dançando à revelia, e se divertindo horrores com a música improvisada e os frutos do abricó-de-macaco, se revoltaram com aquela situação. Eram muitos macaquinhos pulando na árvore, produziam uma algazarra. E os casais de saguis se apaixonavam, e depois vinham trazer seus filhotes para curtir aqueles galhos cheios de passarinhos... Aquilo subvertia a ordem e repugnava as árvores frutíferas. Os jatobás, jaracandás e madeiras de lei se divertiam vendo a bagunça, da distância de sua altivez, mas as árvores frutíferas achavam aquilo uma barulheira desgraçada. E, com inveja, chamavam o abricó-de-macaco de todos os nomes, inclusive de “devasso”!

E o abricó-de-macaco só ouvia as nuvens e cumprimentava as águias...

A mangueira, que se julgava a mais nobre de todas as árvores, a despeito de seus frutos tão comuns, resolveu ir ter com o abricó-de-macaco. O abricó se limitou a observar que a

mangueira não tinha nada de mangas, não tinha nádegas. E todos os macacos e passarinhos deram gargalhadas.

As árvores solidárias à mangueira, percebendo que tampouco tinham frutos e que isso também as ofendia, fizeram um levantamento legal. Prepararam um relatório de que árvores apenas devem dar frutos em seus galhos! Ora essas, o abricó-de-macaco dava flores e frutos em seu caule. Isso era ilegal, argumentavam as árvores invejosas... E foram até a sarça ao lado da pedra rosada, e fizeram um relatório astucioso de todas as regras do regimento daquele pomar que o abricó-de-macaco violava.

Como a sarça, sendo muito sábia, permanecia em silêncio a tudo, suspenderam o abricó, por excesso de feiúra e... Bafo-de-onça!

O abricó protestou de início. Afinal, ele não tinha nenhum bafo-de-onça. Mas, cansado de argumentar, silenciou.

— É lógico que se a sarça, que é a planta mais sábia e mais velha, decidiu que tenho de me retirar temporariamente, até que passe a época de flores e frutos, tudo bem.

E lá se foi o abricó. Juntou seu cachimbo de madeira, pegou alguns bicos de pena de caligrafia e com sua malinha foi ali, até à sarjeta. Ficou sentada, a árvore, pensativa. “Ora essas! Não posso dar flor nem fruto no caule, bem baixinho, para os macaquinhos menores?! Não são frutos como a manga, nem como o melão ou a melancia, é verdade. Mas os macaquinhos amam minhas castanhas arrendodadas, brincam até de futebol com elas.”

Os macaquinhos foram atrás do abricó. Os passarinhos também. E diziam:

— Abricó, abricó, faça alguma coisa! É muita injustiça! Você é uma árvore fértil e frutífera, e todos te amamos muito!

Mas o abricó dava um longo suspiro. Ficou deprimido. Sentia-se tão só! Ali, na sarjeta... Todos os macaquinhos e passarinhos lhe faziam companhia, é lógico, e logo o abricó voltaria ao pomar, mas... Ele se sentia tão, tão decepcionado!

Do outro lado da rua, uma árvore deu gargalhadas. Ora essas! Uma jabuticabeira!

O abricó atravessou a rua e foi lá bater um papo com a jabuticabeira.

— Você também foi suspensa, jabuticabeira?

— Sim. E permanentemente, sou muito pior que você.

— E o que alegaram?

— Que além de dar frutos no meu caule, meus frutos produziam licor delicioso e inapropriado para a minha posição no pomar... Também das birita, ou gosta de árvores do mesmo gênero, abricó?

— Não, não... E desde quando algo de ordem tão privativa é crime? Há de se observar o direito à personalidade, ora essas... E, definitivamente, jabuticabeira, sou uma árvore muito bem decidida.

Convidou o abricó a sua amiga para um passeio. A jabuticabeira aceitou e foram ao boteco tomar chope. Contou ao abricó toda sua história. Mas isso não elevou os ânimos nem consolou o pobre abricó-de-macaco.

— Jabuticabeira, se uma árvore como você, tão emblemática da nossa cultura brasileira, tão indispensável a qualquer criança e adulto, foi expulsa, não tenho a mínima chance! Eu que dou apenas castanha para macaquinho e abrigo ninhos de pássaros... E que farei longe do pomar? É a minha casa.

— Não desanime, abricó. Quem sabe, Deus lhe ajude.

Ao retornar para o pomar, o abricó-de-macaco buscou um lugar mais afastado, onde as árvores frutíferas tão exigentes de padronização não pudessem vê-lo, perto do muro. A jabuticabeira lhe convidou para permanecer na sarjeta, bebendo de seu licor e compondo canções de bossa-nova; disse que as demais árvores não combinavam com ele, e que apenas ambos davam frutos em seu tronco, por ali; que foram feitos um para o outro.

— Não, obrigado – respondeu o abricó.

Apesar da jabuticabeira ser muito linda, o abricó preferia viver no lugar onde cresceu, perto das outras plantas, macaquinhos e passarinhos que lhe eram gentis, e não na sarjeta, ao deus-dará. A jabuticabeira, mau-humorada, disse que iria buscar outra árvore de personalidade mais autêntica.

Moral da história:

A quem só ama o igual, todo o demais lhe é feio.

O abricó-de-macaco e a oliveira

O abricó-de-macaco estava ali no seu canto, meio escondido e se esgueirando contra o muro, à beira da estrada, de onde continuava olhando para o seu amado pomar. O alvoroço das árvores não cessou com a punição que haviam dado ao abricó: as árvores que não produziam frutos continuavam nervosas consigo mesmas. Bem feito! Satisfeito em constatar que não era ele a origem do problema daquelas árvores, notou que a árvore amiga da mangueira, a nobre oliveira, estava preocupada com a situação do Pomar. Ela havia resolvido fazer uma reunião de prevenção ao estresse, com massagem!

— Ora essas, quando eu estava no centro do Pomar, não tinha nada disso...

Foi perguntar à oliveira, o abricó-de-macaco, se poderia ter uma massagenzinha.

A oliveira, toda constrangida e delicada, disse,

— Oh, abricó, sinto lhe dizer que tu não podes participar, infelizmente. Ocorre que foste temporariamente excluído, não sei por que razão! Contigo ficaram furiosos! E se fizer massagem em ti, as outras árvores poderão ficar muito irritadas e expulsar-me, como fizeram a ti. Podes entender isso?

— Sim. Respeito e compreendo.

Ao contemplá-la, o abricó se deu conta de estar apaixonado, perdidamente apaixonado pela oliveira. Tão delicada e forte, tão discreta... Importava-se tanto com as plantas mais neuróticas... O contrário dele! Passaram-se as semanas, e de tanto admirá-la, dia e noite, o abricó já a amava com todas as suas forças. Ficou tão triste! Não porque a oliveira o tivesse excluído. Mas, apenas por ser tão diferente, a oliveira jamais poderia lhe amar, algum dia?

O abricó ouvia as árvores ingratas, após a massagem, elogiando a si mesmas e falando da suposta feiúra da oliveira, de sua casca grossa, de suas folhas minúsculas e pouco abundantes. Contudo a ele ela lhe parecia tão especial... A oliveira persistia firme e forte no terreno mais pedregoso de todos! Estava decidido que queria ao menos ficar perto dela! O amor tem dessas coisas. Quando mais difícil, mais apaixonados ficamos. O que tanto atraiu o abricó, naquela oliveira? Não tinha perfume algum. Seus frutos tão minúsculos! Mas ele jamais havia conversado com uma oliveira, tão simples, gentil e comum. Reparou que o cheiro e sabor de seus frutinhas também eram bastante pungentes, tanto que era necessário tratá-los antes que alguém pudesse ingeri-los. Escrevia poemas sobre ela. Como estava apaixonado!

Foi então até o botânico que cuidava das árvores do outro lado da rua, um pouco mais adiante que o pomar. Ali ficava o jardim branco, mais elegante e mais importante do bosque, mas como havia um muro muito, muito alto, ninguém sabia como era. Apenas sabiam



LA
19

os carcarás que pousavam nas antenas, e não nos galhos do abricó. Por alguma razão, as centenas de vigias do pomar branco deixaram o abricó-de-macaco entrar no pomar. E que surpresa teve a árvore!

— Céus! Não acredito, não posso acreditar no que veem os meus olhos de abricó!

Era um pomar de abricós. Os muros eram altíssimos para que ninguém percebesse...

E lá estavam os seus semelhantes, mascando fumo, recobertos de macaquinhos e olhando o recém-chegado.

O botânico deu uma olhada e o mandou plantá-lo do lado do abricó mais velho, para substituí-lo no futuro. Ocorre que o botânico era inteligente: gostava de passarinhos e de macaquinhos, e essa era uma das melhores árvores para preservar a vida no bosque.

O abricó advertiu o botânico:

— Se me plantares aqui, morrerei de tristeza.

— Ora, não queres ficar com teus iguais? Que queres, então, abricó?

— Quero ficar ao lado da oliveira. Vim aqui consultá-lo.

— A oliveira vive sem água alguma. És uma planta amazônica. Não podes ficar do lado do bacuri, do abio, do taperebá?!

— É que apenas me interessa o amor impossível.

— Ah! Típico dos abricós! Não sei no que isso pode dar! Se um dos dois errar, abricó, na quantidade de água, um dos dois morre: ou afogado, ou de sede. Isso é que é querer complicar as coisas! E a oliveira acaso quer a ti por perto?

— Não. Melhor será então matar-me, serra-me, serra-me, botânico!

— Não vou serrar-te abricó! Deixa de delírio febril. A oliveira há de perceber algo de útil em ti. Tuas folhas imensas, talvez? Uma de tuas folhas recobre a oliveira, abricó, por que não a esquece? E o abricó começava a lacrimejar.

— Abricó, e se eu plantar uma jabuticabeira entre ti e teu amor? Estarás contente de vê-la por cima da jabuticabeira?

— Não.

— Ora, essas. Pois é o que vou fazer, abricó, sem te consultar, é o que eu farei!

— Não. Vou matar com sombra a jabuticabeira que puseres entre mim e a oliveira!

— Ora, essas, ora essas, se não és mesmo uma planta amazônica. Não é necessário, abricó! Vou plantar-te ao lado da oliveira, a 5 quilômetros dela! Terás um longo espaço vazio, aí, sim, quero ver que farás.

O abricó, feliz da vida, a alguns quilômetros da oliveira, totalmente apaixonado, lançava suas flores com o vento e fazia rolar ocasionalmente suas castanhas.

A oliveira, em completo silêncio, observava à distância a paixão selvagem do abricó bizarro, muito assustada, mas não menos satisfeita. Os frutos rolavam até a oliveira, que ficava num plano mais baixo. Dali, os macaquinhos quebravam, a polpa úmida se espalhava e era uma beleza! Não tinham muita água, seus frutos, e por isso eram puro e perfeito adubo

para a oliveira. Todos os dias pela manhã, vinham também os passarinhos, e pela noite as corujas, pois o abricó os mandava que fossem beijar os galhos da oliveira com carinho, bem de levinho.

— Que o botânico não tire esse abricó-de-macaco apaixonado dali, nem que plante nenhuma outra planta entre nós dois! – torcia a oliveira, em seu jeito discreto e cheio de silêncio.

Afinal, a oliveira tampouco podia viver agora sem o abricó-de-macaco.

Moral da história:

Toda oferta cria sua demanda.



LA
19

O casamento entre a oliveira e o abricó-de-macaco

O abricó-de-macaco, a árvore que se recobre de flores em seu tronco, que dá frutos em forma de bola, aquele ser muito popular entre os macaquinhos e os pássaros, odiado por todas as árvores frutíferas comuns que dão frutos vendidos em feira, seguia muito apaixonado pela nobreza da oliveira.

Escrevia e reescrevia cartas com seu bico de pena e tinteiro, cartas de amor, declarações de amor à oliveira, apenas para jogar no lixo. Ao menos o abricó fosse poeta! Escreveria um soneto, algo nobre, à altura da oliveira.

Mas os sonetos do abricó eram igualmente inusitados. Sempre sobrava uma ou outra linha que ele não conseguia podar, assim como os seus galhos. E assim os guardava na gaveta.

A oliveira o observava, imenso, do baixo de seu vale pedregoso. Ah! Ao menos ele pudesse transplantar a oliveira para um campo cheio de grama macia e fininha, com flores... Mas o gramado com flores mais próximo era apenas o cemitério. Seria de péssimo gosto, namorar no cemitério.

O abricó resolveu bordar um lenço. Toda árvore feminina deveria carregar um lenço no bolso. Assim, quando um arbusto cavalheiro se aproximasse, ela poderia oferecer como prenda. E as mulheres choram, precisam de lencinhos. Ah! O abricó era um romântico incurável. E bordava nuvens e flores, e anjinhos, aquela árvore imensa que soltava cocos, verdadeiras bolas de boliche.

Também o abricó pensava na oliveira ao compor suas melodias. Não era obsessão: era uma dor no peito, que precisava se expressar, para cessar de doer.

O abricó pensou consigo. E se pedisse a oliveira em casamento? Afinal, ele já enviava seus frutos para hidratar suas raízes, corujas para dizer versos de amor, passarinhos para roçar suas lindas e delicadas folhas. E a oliveira sempre o olhava, todos os dias, suspirando. Ele arriscaria dizer que o coração da oliveira disparava quando seus olhares todos os dias se encontravam. Afinal, cabe ao macho da espécie esclarecer e fazer o pedido! Atender ao desejo da árvore fêmea. Desejaria a oliveira casar-se com o abricó?

E na dúvida ele hesitava, o tempo passava. Mas como poderiam ficar juntos? Ele bem se recordava do aviso do jardineiro botânico:

— Abricó, tu necessitas de muita água, e a oliveira precisa de solo seco. Se exagerarem na dose, a oliveira morre, e se faltar água a ti, tu morrerás.

Ora, essas, se ao mesmo tempo era um risco de vida unir-se à oliveira, era ainda maior a dor de estar longe dela. Era uma necessidade da alma!

Finalmente teve coragem. Levantou-se do solo, e foi caminhando até à oliveira.

— Oliveira. Queres te casar comigo?

— Oh! Abricó! Me surpreendes! Jamais pensaria que uma árvore tão grande como tu quereria casar-se com uma árvore velha e enrugada como eu, e de folhas tão míseras, de frutos tão pequenos, que os macaquinhos e passarinhos cospem! Eu não entendo nada de teus alfarrábios, não tenho um mindinho de tua audácia em enfrentar injustiças, e ainda assim me queres?

O abricó derreteu-se de paixão, seu peito ardeu em fúria, querendo beijar a nobre e modesta oliveira, dizer a ela o quanto é especial o seu azeite, o seu fruto, o seu perfume. Que perto dela ele não era nada. Ela era a árvore da vida!

Mas o abricó fez silêncio, porque, agora que havia atestado o sentimento mútuo de sua amada, estava mais preocupado em resolver as circunstâncias para que pudessem viver juntos, um ao lado do outro. Seu vozeirão quebrou aquele silêncio de amor.

— Oliveira. Que parece a ti mudar-se desse terreno pedregoso para um local mais suave, com grama e flores?

— Oh! Não é possível! Ninguém jamais havia notado a minha dificuldade! Mas como poderei me mudar de local?

— É simples. Tu te levantas, assim como eu fiz. E caminha com as tuas raízes.

— É mesmo? E onde seria esse lugar onde estaríamos juntos? – perguntou a oliveira, toda corada, com o rosto queimando, pensando no beijo que o abricó lhe daria ao se casar com ela.

— Fica um pouco longe daqui do Pomar, mas vale a pena a caminhada.

Então foram o abricó e a oliveira caminhando juntos, de mãos dadas, falando sobre a primeira vez em que se viram, sobre seus gestos, sobre as corujas, os passarinhos, os lençinhos bordados, as cartas jogadas fora... Caminhavam se divertindo e sorrindo um para o outro.

O abricó mostrou à oliveira o local que propunha: um pátio de colégio. Do lado de dentro, havia gramado e flores. E ali naquele solo não chovia, porque o vento batia nas paredes do prédio.

— Mas, abricó, ficarás do lado de fora do pátio, onde cai a tempestade?

— Sim, porque sou muito alto e preciso de muita água. Assim, por cima do telhado, podemos...

— Podemos...?

— Ora, essas, vamos ficar cada um no seu local e eu lhe mostro.

A oliveira se plantou dentro do Pátio, e de fato o telhado não era muito alto. O abricó se postou do lado de fora. Por cima do telhado, ele puxou a oliveira pelos braços e lhe deu um beijo inesquecível. Os beija-flores dançaram em voo espiralado.

Estava passando por ali um Padre que, vendo-os apaixonados, perguntou se queriam que os casasse.

— Ora essas, isto não é um pátio de colégio? – indagou o abricó.

— Não – respondeu o Padre – Pátio do Collegio é o nome desta paróquia antiga.

— Oh! Que perfeito, abricó! Teremos canto gregoriano toda a vida!

— Gostas de canto gregoriano, oliveira? Como me encanta, esse canto, o fado e o canto dos almuédãos em seus minaretes!

— Sim, sabes que meus familiares vivem todos em Portugal e em Jerusalém, onde há todos esses cantos!

— E por que viestes parar aqui, no Brasil, oliveira?

— Quem sabe... Para encontrar-te, e termos muitos filhinhos figueiras?

Afinal de contas, a oliveira era uma árvore casadoira, para a felicidade imensa do abricó. Assim, descobrindo seus gostos em comum e muito felizes, o abricó e a oliveira se casaram e tiveram muitas figueirinhas.

O jardineiro botânico, que ia rezar ali todo domingo, viu o abricó e a oliveira juntos, por cima do telhado. Ora, não é que conseguiram? Que coragem do abricó em assumir tanta responsabilidade.

Algumas árvores frutíferas, invejosas por não terem conhecido ainda o amor, covardes demais para declararem abertamente seus sentimentos, juraram infernizá-los. Mas o abricó e a oliveira nem ligaram. Estavam felizes e se sentiam realizados por estar juntos, morando no lugar mais antigo e mais bonito da cidade.

Moral da história:

Ame sem esperar nada em troca, dance como se ninguém estivesse vendo, cante as melodias que existem em sua alma.

O cravo e a rosa

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despetalada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar.

O cravo tem vinte anos
A rosa tem vinte e um
A diferença que existe
É que a rosa tem mais um.

A rosa fez serenata
O cravo foi espiar
E as flores fizeram festa
Porque eles vão se casar.

O lótus disse ser falho
O amor que não dá a vez
O cravo disse, lhe esmalho
Pois cuides da tua Inês.

A tua flertou com o cravo
A rosa o viu suspirar
A tua encolheu os galhos
Que a rosa fez sabotar.

O cravo, bem assustado,
As flores ignorou



A rosa bem do seu lado
Contente comemorou.

A orquídea quis dar pitaco
Pra rosa ser mais amor
O cravo gozou seus trapos
E a rosa se avermelhou.

O lírio, em meio às pedras,
À rosa se declarou
O cravo ficou escarlate
Com a rosa, bom, combinou.

A dália e as onze-horas
Do cravo falaram mal
A rosa, ouvindo o ultraje,
Mandou-lhes para o hospital.

Moral da história:

Em briga de marido e mulher, se não houver violência entre os dois, ninguém mete a colher.

A bougainville que não queria ser podada

Uma bougainville foi plantada perto da casa de uma jovem dama, muito elegante. A dama havia prometido ao jardineiro que faria daquele arbusto a mais linda moldura para suas portas e janelas.

Primeiramente, recebeu a bougainville de braços abertos. Chamou-a pelo seu nome local, “primavera”, uma espécie de nome genérico, a fim de que se portasse de um modo bem humilde. Disse-lhe logo ao princípio que a queria podada tal quais as amoreiras espanholas, que têm seu tronco principal bem baixinho e galhos largos e espalhados ao longo de uma vasta área, de modo que até mesmo uma criança, subindo em um banco, conseguisse apreciar as flores em sua copa. A dama explicou que desejava agradecer ao prefeito, que era baixinho.

A bougainville, esforçando-se para ser uma moça bem-educada e em agradecimento pela gentileza com a qual fora recebida, aceitou a poda de bom grado, e passou a ter a exata forma de uma amoreira. Obviamente que ficou com um péssimo aspecto, pois naturalmente o arbusto deveria buscar apoio naquelas paredes e servir de contorno às portas e janelas, convidando os visitantes a adentrarem com sua enorme beleza e abundância. Aos poucos, foi tentando explicar à dama suas limitações. Como não podia sustentar-se, sem um caule igual ao da amoreira, teve de recostar-se em trama e ir crescendo pelas beiradas, o que a dama a contragosto tolerou. As duas já conversavam às boas, porque a bougainville, atenta às considerações da dama, não deixava de dar flores ao longo de todos os seus galhos, desde os mais baixos, até os mais altos. Afinal estava gostando da poda, feita ao longo do caminho que seus galhos iam encontrando.

Mas a dona da casa novamente buscou explicar à bougainville que suas flores eram de um demasiado rosa-choque. Não convinha, ali naquela casa branca de portas e janelas e azuis, ser tão rosa-choque, tão contrastante, tão magenta. Afinal, o marido dela já estava elogiando a cor e a florada da bougainville e isso a irritava profundamente. Que a primavera fosse mais discreta, da cor das paredes!

A bougainville não havia notado o marido da dama, e toda envergonhada de receio, ficou branca.

Mas então a dama também reclamou: ora essas, mal se poderia perceber sua presença, com flores brancas e quase transparentes, de tão delicadas. Não! Havia que se fazer notar, pelo menos.

Então a bougainville se esforçou para produzir uma florada rosa-bebê, trabalhando dia e noite até atingir um tom com a impossível sutileza de “lady-pink”, mais clara que o branco



das paredes da casa da dama. O prefeito, ao passar em frente à casa, tão impressionado com a beleza do arbusto ao redor das portas e janelas em tão pouco tempo, mandou publicar uma foto da fachada na principal revista da cidade, elogiando a casa da dama, e enviou ao governador, como prova da beleza de seu município.

Quando notou ter sido elogiada, a dama mesmo assim reclamou daquela cor, a seu ver péssima, e pediu ao jardineiro que retirasse a bougainville de sua casa, quando a sua florada estava em pleno ápice, porque isso poderia atrair mau-olhado. Mandou ao jardineiro que tampouco plantasse esse arbusto em parte alguma, porque se tratava de uma planta péssima para fachadas, que não gosta de ser podada. Como a dama era famosa por sua reputação de bom gosto, a bougainville teve de responder no viveiro por que não foi suficientemente bela, e ficou um bom tempo encostada.

Mas o arbusto não se deixou abater o ânimo. Ela sabia que, embora as coisas não necessariamente tenham um propósito, nós sempre podemos dar um bom propósito a elas. Afinal, quem sabe não haveria alguma moral naquela história? Continuou a florir no viveiro, e o jardineiro a tomou para si, pois atraía mais clientes com a sua beleza.

Moral da história:

Olho torto, vista errada.

Bougainville e Flamboyant

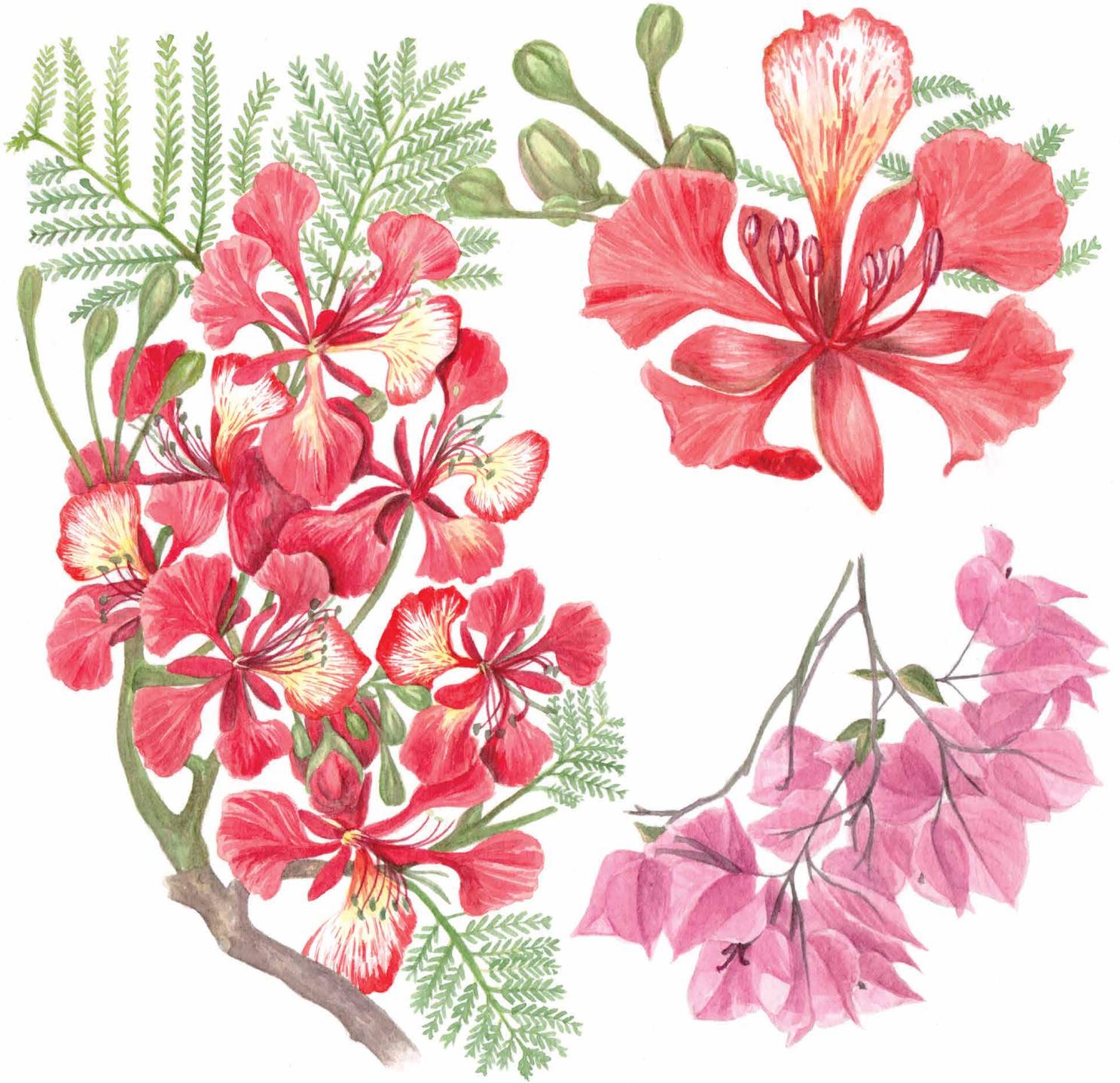
Duas árvores brasileiras, uma frondosa e um arbusto, nasceram num solo bem fértil e fecundo, em meio a várias outras árvores. Contudo, a despeito de suas flores muitíssimo abundantes e de belíssimas cores, ninguém as notava nem lhes manifestava apreço. Do flamboyant, diziam que vinha da África, e que era uma árvore muito agressiva; e da bougainville, diziam que era uma planta bem inferior à azaleia, simplesmente um arbusto comum que, assim como todos os outros, floresce na primavera. Frequentemente lhes chamavam de ipês, o que essas duas árvores detestavam.

Veio contudo um francês ao Brasil e encontrou essas duas árvores. Chocado e entusiasmado com sua florada, ele apaixonou-se pelo flamboyant flamejante. E adotou o pequeno arbusto como sua filha, dando-lhe o seu sobrenome, Bougainville. Assim viveram felizes em família, pelos séculos dos séculos.

Os brasileiros, ao ver que o francês havia plantado essas árvores ao redor de sua casa, tomado uma por esposa e outra como filha, finalmente notaram o valor de suas flores coloridas e tão vivas. Elas eram as mesmas árvores! Então, de sobrenome chique, em francês, passaram a ser finalmente valorizadas em sua própria terra.

Moral da história:

Santo de casa não faz milagre.





Abio peixe, índio estrela

Era um santo domingo daqueles bem preguiçosos, perfeitos para se produzir e deixar cair abio dos seus galhos, quando a árvore de abio mais nova da floresta, de poucos 10 metros de altura, resolveu depois da missa ir estirar seus galhos ao sol, perto do igarapé. Abio é, como se sabe, a fruta mais deliciosa que existe no mundo, que apenas dá nas florestas exuberantes do Brasil, mas por vezes damos de encontrar nos mercados. Seu sabor é ímpar e inesquecível. O pé de abio deu um beijo em ipa e iwa, seus pais, que tinham respectivamente 20 e 21 metros de altura, e foi ver se conseguia ver do topo de sua copa os peixinhos na água translúcida. Chamou os macaquinhos e ia generosamente partilhando seus frutos lisos e amarelíssimos, os quais eles habilmente descascavam com suas mãozinhas afiadas, tirando a casca de cola, deliciando-se com a polpa carnuda de puro mel adstringente. Era uma árvore nascida na clareira dos jesuítas.

Estava observando a transição do branco para o rosa da florada de manacá-da-serra, quando finalmente avistou o primeiro gupi, e depois outro, e tantos outros peixinhos nadando tranquilos naquela água rasa. Mas foi tomado por um baita susto quando um índio selvagem, de corpo completamente pintado de vermelho e cocar amarelo-gema, esbaforido e acororado, gritava arfante, correndo seminu em sua direção. Corria em círculos, ao seu redor! Deixou a árvore zonza.

Não deu tempo do pé de abio fazer qualquer coisa, e ali estava diante dele a espécime mais rara que já havia visto de ser humano. Um índio ruivo! Um índio ruivo, nitidamente pronto para a guerra! E olhava para os lados, alternando o esquerdo e o direito, com os olhos sem sequer piscar, como se pudesse a qualquer momento ser surpreendido pelo mais feroz inimigo. Vendo o pé de abio moço, esticou seu arco e flecha e exclamou com o seu vozeirio enquanto rangia seus dentes igualmente afiados:

— Istin, Iskin...? ISTIN, ISKIN?

O pé de abio, pobre coitado, apesar de nativo dali daquela região, não entendia nada da língua daquele índio. Rapidamente retirou de seu bolso um manual de referências e siglas, para tentar decifrar aqueles acrônimos, e finalmente pôde responder ao índio nitidamente hostil.

— Oh! Se sou... Estrela ou peixe? Por Nosso Senhor Jesus Cristo, há apenas essas duas opções? Não sou nem peixe nem estrela, deixe-me ver aqui, como se diz “árvore”, na língua Pano.

— ISTIN, ISKIN?

O índio ruivo parecia disposto a varar o pé de abio com sua flecha afiada.

— Sanin-ihu, mana-ú, mana-ú!

Assim o jovem pé de abio, jesuíta polímata, com a ajuda de seu valioso manual, pediu ao Chefe, “calma, que se sentasse, que se acalmasse”. E prosseguiu:

— Sanin-ihu, Sanin-ihu, kuza, kuza!

Dizendo assim “Chefe, ó Chefe dos Chefes, sou um cedro, um tipo de cedro”.

O pé de abio naturalmente não era um cedro, mas o seu manual era restrito no vocabulário. Achou que o Chefe índio ruivo iria entender, que se tratava de uma árvore, não de peixe nem de estrela. Enquanto refletia o que significaria ambos esses símbolos em plena floresta acreana, tão longe dos embates intelectuais entre cristãos e magos, o Chefe índio gritou estridentemente, como se diante dele próprio não se pudesse ouvi-lo:

— Kuza ninka, kuza ninka, kuza-maki!

Assim ele dizia: “Cedro, escute bem, cedro, cedro não está com nada, árvore, você não é cedro!”.

Certamente que aquilo parecia mais japonês que português, aquela linguagem desses índios extraviados da tribo dos Kaxararis, a que se denominava língua Pano. Os Kaxararis são muito chorões e mansos, o pé de abio bem sabia. Mas igualmente soubera que alguns índios, há muitos anos atrás, haviam se afastado, sendo os mais fortes da pequena tribo de 200 habitantes. Tão obcecados em fazer a guarda dos seus arredores contra os inimigos, passaram a viver apenas em função disso. Com tamanho afinco em sua tarefa de defender a pequena tribo, já não se confraternizavam mais, nem realizavam visitas de cortesia, nem atendiam aos convites dos nobres índios mais velhos, nem se deliciavam com uma siesta depois de provar os pomos suculentos da floresta. Enfim, a tentativa de explicar que o pé de abio carnudo e doce como o mel se tratava de uma árvore, assim como o cedro do Líbano, não funcionou. E o Chefe índio, insatisfeito, na certa buscava mais explicações para a sua presença ali, naquele igarapé, do qual ele acabava de imediatamente se apropriar. Os machos humanos, como os primatas, se apropriam de tudo como território de defesa à medida que caminham na mata, em proporção à sua força e habilidade.

Sem ter o que dizer, o abio se mostrou aberto a ouvir. Afinal, de ver a postura estoica do abio quanto ao seu próprio destino, o Chefe já estava mais calmo. Já parecia ter se apercebido de que não se tratava de nenhum índio de outra tribo inimiga. O índio estendeu a mão, e certamente proferiu o que seria seu nome, numa espécie de apresentação muito cordial, para surpresa do abio:

— Juinanawa.

O pé de abio, é claro, estendeu a mão de volta para cumprimentá-lo e entendeu que seu nome de guerra significava “Homem-branco-pássaro”. Notou que o índio selvagem não beijou seu galho, nem recolheu um abio doce na sua ponta. Ora, essas, certamente os índios selvagens não são capazes de discernir o gênero das árvores, nem de perceber que as árvores fêmeas têm folhas mais longas, e se entretêm mais tempo observando flores e peixinhos

coloridos nos igarapés. Contudo era um índio ruivo visivelmente atraente, o que compen-sou a ofensa aos requintados costumes arbóreos. Então o pé de abio apenas repetiu seu nome com o máximo de polidez que lhe cabia, naquele encontro tão inesperado:

— Juinanawa, Sanin-ihu Juinanawa.

O índio selvagem e ruivo, rispidamente, respondeu:

— Sanin-Ihu maki! Sanin-Ihu maki!

Não queria que a árvore de abio o chamasse de Chefe. Como visivelmente o perturbava esse termo, deixou o abio então de chamá-lo assim, e passou apenas a dizer calmamente, evitando ao máximo qualquer tipo de movimento brusco:

— Juinanawa. Juinanawa: abio.

O pé de abio bem sabia, da convivência com os menores da tribo, que para os índios daquela região não existem indivíduos. Se você não se tornar a pessoa com quem você conversa, então você não é amigo. Por isso o abio dizia: Juinanawa-abio, para dizer que eram um só.

O abio, um pouco angustiado de que o índio ruivo selvagem ficasse correndo ao seu redor, como se houvesse várias tribos inimigos em seu encalço, quando não havia ali nenhum índio sequer além dele próprio, tentou novamente oferecer um abio.

— Juinanawa. Abio. Hmmmmm! Abio: nai. Abio é o céu. Abio: sarakapaki! Abio é bom.

O índio deu um grunhido, e continuava acorçado, tal qual o mais selvagem e arisco que se poderia encontrar em todo o Acre, e finalmente pegou um abio de seu galho. Contudo, como não sabia retirar a casca interior, que é pura cola nos lábios, mordeu o fruto por inteiro, e o cuspiu antes de chegar a experimentar a polpa carnuda. Saiu correndo novamente no meio da floresta, desaparecendo tão rapidamente quanto surgiu.

Novamente o abio, já recuperado do susto que lhe pregou o índio ruivo, e sentado à beira do igarapé, tentou acalmar-se. Então molhou seus pés na água translúcida e ouviu aquele som indescritivelmente delicioso de água corrente. Ficou pensando na extrema similaridade de movimento entre os índios e os saguis. Talvez escrevesse um tratado acadêmico a respeito. Mas foi interrompido. Era novamente o índio ruivo.

Estava observando o pé de abio do outro lado do igarapé.

E sumia outra vez. E por duas vezes mais o abio o via correndo às margens. Céus! Aonde ia com tanta pressa? A floresta é a mesma em toda parte, não precisa correr.

Por fim, em outro momento, quando o abio menos esperava, dando um salto por cima do igarapé, o índio amarrou uma pequena fita azul no galho em que ele lhe havia docemente oferecido seu fruto. E olhe que o abio já nem mais se recordava do fruto que lhe havia presenteado! Ficou surpreso.

E saiu correndo, Juinanawa, o homem-pássaro, esbaforido pela floresta.

A árvore ficou admirando aquela fitinha de cetim azul, tão delicada. Onde ele teria

encontrado? E se deu a esse trabalho sem mesmo ter conhecido apropriadamente o gosto de seu fruto. Jamais havia visto um gesto tão gentil, e suspirou, cativada, a árvore.

Moral da história:

Os sábios podem entreter conversações por muitas horas para resolver diferenças; mas é preciso uma certa pureza selvagem para extrair das diferenças uma amizade verdadeira.

A jabuticabeira de Natal

Juinanawa, o nosso herói índio ruivo, extraviado há muitos anos da tribo dos Kaxararis, pulava de fábula em fábula, em ronda contra as tribos inimigas que porventura pudessem haver, para proteger seu pequeno povo. Pela noite, seus olhos cintilavam meio aos arbustos da mata. O homem-pássaro-branco, na língua dos Panos.

Selvagem, seu grito por vezes era ouvido na selva; os índios dele cochichavam, para não acordar as crianças.

Ali, no meio da mata, após ter conhecido o abio, que aprendeu a entender sua língua e seus gestos ariscos e arredios, retribuindo-lhe com frutas carnosas doces, Juinanawa sussurrou àquela árvore, despertando-a em plena madrugada. O que ele queria? Queria retribuir ao abio por ter aprendido sua língua. Queria conhecer a clareira dos jesuítas, surpreendia a ele que estivesse cheia de piscas-piscas.

O abio, abio que pertencia ao gênero feminino e que havia crescido na clareira dos jesuítas, sonolenta, abriu novamente seu repertório de línguas indígenas, para dizer de um modo que Juinanawa compreendesse. Resolveu explicar a Juinanawa o que é o Natal.

— Juinanawa. Natal.

Enfim, levantou-se e levou Juinanawa de mãos dadas até a clareira e mostrou a ele uma jabuticabeira carregada de frutinhas maduras.

— Juinanawa. Jabuticabeira de Natal.

E recolheu alguns vaga-lumes que voavam por ali, passou a língua e grudou-os para que a jabuticabeira, que estava em sono profundo àquela hora, ficasse toda cintilante, igual a um pinheirinho de Natal.

— Juinanawa. Tempo e luz. Luz e tempo. Advento. Começa em Cristo Rei, Juinanawa, Cristo Rei desejo da alma. 4 semanas, Juinanawa. Daí Natal, neném. Néném, família feliz pra sempre. Família sagrada.

Juinanawa ajudou a montar a Jabuticabeira de Natal, colando com a casca do fruto do abio os vaga-lumes.

— Que esplêndido, Juinanawa! Não havia pensado em usar a minha cola.

Ocorre que depois de usar todas as cascas, sobraram apenas as polpas suculentas do abio, que Juinanawa empilhou numa cuia.

O abio então entoou algumas músicas natalinas. Cantou Noite Feliz. E fazia um silêncio danado, só se ouvia a linda e doce voz do jovem abio. Juinanawa chorou. Não sabia o que significava, mas achou tão bonito que chorou.

Comeram umas jabuticabas, e Juinanawa, já tentando se expressar na língua do abio, um certo tipo de latim, confessou:

— Juinanawa só.

Como se sabe, os jesuítas, pobrezinhos, podem ser tão doces quanto indiferentes, porque estão habituados a viver sós e no silêncio desde a mais tenra idade, na companhia de suas valorosas bibliotecas. Se são assim os homens dessa estirpe, que dirá então as árvores... Para elas, estar longe das panelinhas sociais e das convulsões coletivas, sempre em busca de bodes expiatórios, é lucro. Então o abio se limitou a responder com o olhar fatigado:

— Parabéns.

Como Juinanawa começava a se sentir muito melancólico, o abio tentou contar a ele do que padecia, para ver se a dor diminuía:

— Juinanawa. Só é banzo de Natal. Banzo.

Juinanawa ficou olhando para a cuia cheia de polpas de fruto de abio. Ele parecia com fome. Por que não se esbaldava? Quando iria finalmente provar? Para isto se dava tanto trabalho o abio.

Abio achou que deveria aconchegar Juinanawa, porque os macaquinhos e saguis amam se aconchegar nas suas folhas. Para não espantá-lo, porque era de fato muito selvagem, o abio retirou alguns de seus galhos mais baixos, forrou uma cama de folhas macias. O índio se aproximou desconfiado. Cheirou a sua cama. Verificou se não havia sinal algum de invasores nas cercanias. Mas só havia os pirilampos. Então se cobriu com o manto de folhas. E como Juinanawa dormiu aquela noite, tão bem, tão gostoso, ouvindo a respiração do abio, a árvore sentou-se ao lado dele e fez carinho bem de levinho, um friozinho, no seu rosto e nas suas costas, e ali também adormeceu, para que nenhum inimigo o visse.

Moral da história:

Quanto mais amor se dá, mais amor se tem.



LA
19



LA
19

Fita azul e fita vermelha

O abio despertou, e após recobrir Juinanawa, o índio selvagem, com suas folhas pela noite que lhe amargurava, porque se havia descoberto só, resolveu ir cuidar de sua vida.

Enquanto se esticava e estirava seus galhos, em direção ao sol, contemplou do alto de sua copa as demais árvores, e se perdeu no azul do céu transparente daquela manhã. As árvores também precisam se alimentar e repousar debaixo de muita luz, para tanto.

Enquanto se espreguiçava, o abio notou num dos seus galhos a fitinha azul que o índio ruivo selvagem havia colocado em seu braço. Em certas regiões da Índia, o abio se lembrou que algumas mulheres colocavam fitas vermelhas em seus braços quando queriam ficar grávidas. Mas ali estava uma fita azul em uma árvore. Teria Juinanawa enlouquecido? Teria ele próprio, aquele pé de abio fêmea, ensandecido? Onde já se viu árvores andarem com seres humanos, e ainda por cima índios...

Mas Juinanawa ainda estava ali, para sua surpresa. E repetia:

— Juinanawa antes só. Juinanawa agora abio.

O abio notou então que o índio havia devorado todos os seus frutos doces, descascados no dia anterior. Não à toa o índio parecia tão feliz e satisfeito. Mas a árvore começou a se consternar com essa ideia de viver com um índio.

Não que Juinanawa não lhe parecesse ótimo, excelente: de fato, para aquele abio fêmea, parecia um índio muito forte e atraente. E de que reclamar ou suspeitar, afinal? O abio também estava muito só, antes de conhecer Juinanawa. Ainda assim, disse:

— Juinanawa. Abio e Juinanawa não, Abio e Juinanawa maki.

Juinanawa pôs a mão em seu coração, não acreditava nem levava a sério as palavras do abio pensativo e hesitante. Finalmente tomou um de seus galhos e o beijou, esfregando-o com delicadeza.

— Juinana-wa. Ridículo.

O índio entendeu que de fato aquele pé de abio era muito, muito tradicionalmente fêmea.

— Juinanawa – prosseguiu – abio triste. Abio árvore, Juinanawa nawa, Juinanawa gente.

O índio então compreendeu o olhar severo e grave do abio. É natural que os casais apaixonados transponham mais e mais o seu amor a novos planos, e com isso encontrem obstáculos para uma união que nunca é suficientemente completa. Insistiu então:

— Abio, Juinanawa abio.

E amarrou uma fita vermelha no outro galho de abio.

— Ó, céus! Juinanawa, não entendes! Sou uma árvore jesuítica! Está tudo errado! Não é assim, é preciso casar antes de formar família!

As demais árvores da floresta riam copiosamente, porque jamais haviam visto uma árvore e um índio namorando.

E então o abio deixou Juinanawa. Foi para o outro lado da floresta. Entrou em uma verdadeira crise. Procurou pajé. Pajé não estava. Uma árvore não poderia se casar com um índio, nem ter família. Era inútil. Deveria ser paciente e aguardar encontrar uma outra árvore de abio, como seus pais fizeram.

Contudo, enquanto caminhava, não notou que passava por um acampamento de garimpeiros. Os garimpeiros haviam feito uma fogueira e se esquecido de apagar os restos pela manhã.

A árvore infelizmente pisou justamente sobre a fogueira, e quando se deu conta, pelo tempo seco, o fogo já havia pegado em seu caule delicado. Gritou por socorro. Mas os garimpeiros haviam saído para trabalhar, no rio.

As árvores disseram para que fosse até o igarapé, tentar apagar aquele foco de incêndio. Contudo, se o abio transitasse por meio dos arbustos, colocaria fogo na floresta inteira.

Sendo uma árvore pia, preferiu ficar ali, e passar pelo martírio, que prejudicar as demais árvores para salvar-se.

Enquanto chorava, desejava muito que pudesse uma última vez ver Juinanawa e pensou com toda sua alma nisso.

O fogo consumiu por completo a árvore. Os arbustos tentaram avisar Juinanawa, mas, quando o índio chegou, era tarde demais. A árvore de que ele tanto gostava havia se queimado por completo.

Juinanawa começou a passar mal de desgosto e a olhar no vazio. O que faria? Iria certamente procurar outras árvores, andar no meio da floresta, como sempre fez. Não se desesperaria por causa disso. Afinal, era apenas uma árvore.

Quando remexeu as cinzas, notou a fita azul e a fita vermelha que havia colocado em seus galhos e fechou os olhos com uma profunda e insuportável dor remoendo em seu peito. Foi de fato muito triste.

Vieram as borboletas em panapaná, atraídas pelas lágrimas de Juinanawa, e com elas as cinzas se mexeram. Debaixo das cinzas, surgiu ali uma índia!

Ela se levantou, de cabelos lisos e escuros, completamente nua.

Olhou para Juinanawa e perguntou:

— Juinanawa! Juinanawa abio?!

Juinanawa lhe deu o nome de Abigail. Tomou-lhe como esposa, a árvore que agora havia se tornado índia por meio de uma transformação química total, catalisada pelo fogo.

E viveram muito felizes, Juinanawa e Abigail. Andavam sempre de mãos dadas e

apaixonados pela floresta, tendo construído uma oca e tido quatro filhinhos, Abril, Abel, Janaína e Juno. Quando tinham saudades dos tempos de quando se conheceram, iam comer abio com seus pais, ipa e iwa, que permaneceram sendo árvores.

Moral da história:

No amor, assim como na natureza, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma.

Fábula do esquecimento

Eram três os jacarandás perfilados, que juntos faziam, com os demais, o mais lindo caminho pelo qual corriam livres as crianças. Eles tiveram uma mestra, uma Magister Sequoia à moda antiga, que todos os dias lhes alimentava de carinho e lhes ensinava latim.

Mudas pequenas, meio às outras árvores, os jacarandás ouviam a professora lhes ensinar:

— Pueris et puellis, sancti eritis. Gratias Deo super inenarrabili dono ejus. Resipiscite a diaboli laqueis.

(Meninos e meninas, sejam santos. Sejamos gratos pelos dons inefáveis que recebemos. Evitem com bom senso as mentiras do diabo.)

E todos os dias a mestra lhes dizia o mesmo, ainda que com palavras distintas.

As mudinhas jacarandás, muito mimosas, perguntavam à sua professora:

— O que é mentira?

E a mestra respondia:

— Algo que você fica dizendo a si mesmo e aos outros, mas que no íntimo sabe que não é verdade.

— E por que as pessoas mentem?

— Talvez porque se sintam pressionadas, ou porque achem que a vida será menos complicada assim... Ou para parecer melhores do que verdadeiramente acham que são.

I

Alguns anos depois, o primeiro jacarandá, que já havia se tornado adulto, mudou-se para a Amazônia, e teve dificuldades em se estabelecer. Era acossado de todos os lados por árvores maiores. Considerou então que os ensinamentos de sua magister eram falhos e não lhe serviram em coisa alguma. Esqueceu-se de sua mestra.

O pé de jasmim, não obstante, passou a subir ao redor de seu tronco e, exalando o mais precioso perfume, espantou as árvores brigonas, que se aborreciam com a sua fragrância. Veio então a seca, mas o primeiro jacarandá, esquecido dos favores do jasmim, bebeu toda a água da chuva sozinho, e o jasmim secou. Muito triste, o jasmim foi buscar outro lugar através de suas sementes.

O jacarandá, indiferente à amizade e ao amor, apenas buscava se fortalecer, para evitar as provocações e ameaças que havia sofrido no passado.

Vieram ter com o jacarandá, quando viram o jasmim seco. Ele respondeu, ingrato:

— Foi ela própria que quis tomar seu caminho, e teve o que mereceu.

II

O segundo jacarandá, também já adulto, foi morar no Nordeste. Soube que as árvores maiores destrataavam seu irmão mais velho. Resolveu então que o mundo era assim, e que a culpa seria de seu irmão mais velho, por não ter se imposto perante os demais. Também chegou à conclusão definitiva de que os ensinamentos da mestra sequoia eram pura propaganda, que apenas os dizia por ser ela mesma mais forte que os demais. Esqueceu-se do que havia aprendido.

Contraditoriamente, passou a acreditar que cabia aos mais fracos suportar a agressão dos mais fortes para que assim também se tornassem fortes. Começou a agredir as outras mudas, que ainda estavam crescendo, julgando-lhes desimportantes, e não lhes deixava nenhuma luz do sol. Afinal, se quisessem luz do sol, as mudas deveriam crescer por conta própria, assim como ele.

As mudinhas pediam por socorro a outras árvores. O segundo jacarandá, contudo, lhes ameaçava, denunciando coisas que as pequenas árvores não tinham feito, ocultando seu egoísmo com uma postura paternalista:

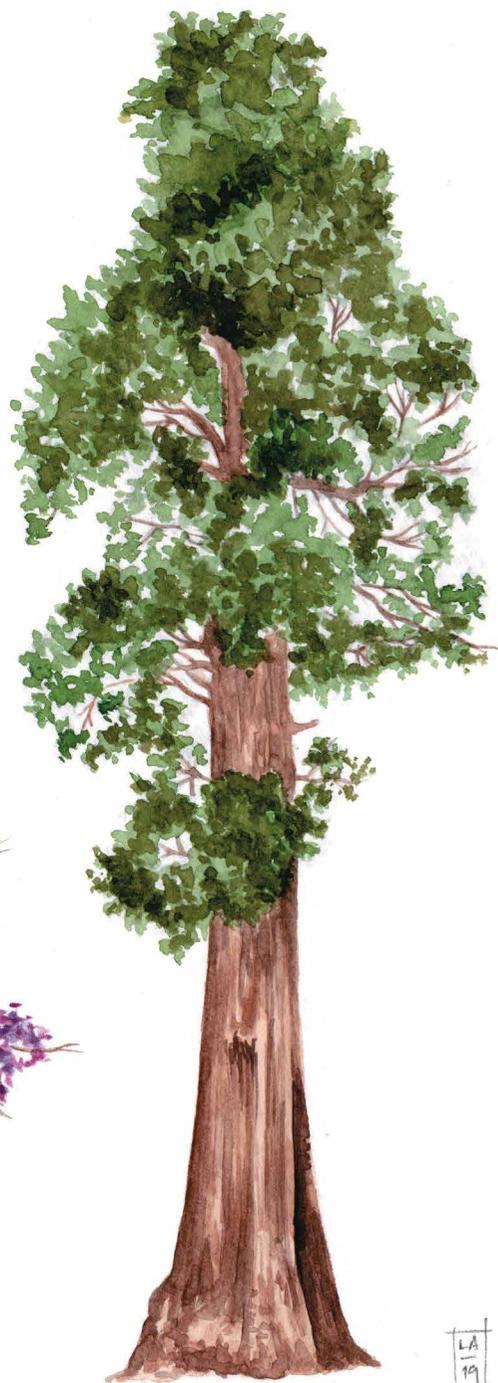
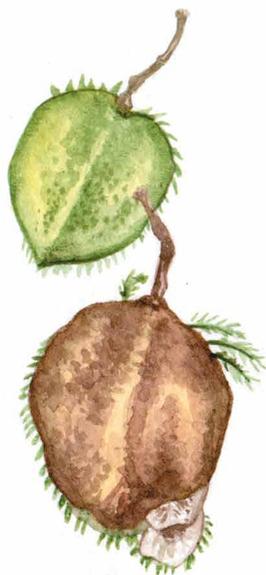
— Essas mudinhas estão sem sol e sem água porque pecaram e são fracas, precisam crescer por conta própria, mas não sobreviverão ao sol forte sem mim.

E assim justificava os destratos e as mantinha em silêncio, com medo, para preservar seu espaço.

III

O terceiro jacarandá foi morar no Centro-Oeste e havia resolvido seguir o exemplo de sua mestra; por essa razão escolhera o mesmo ofício. Contudo não o deixaram dar aula para as mudinhas, quando estava florido, e pediram que tomasse conta de outros assuntos administrativos do jardim: os pedidos e as disputas dos pais e alunos. Que o Jacarandá os revigorasse com sua beleza. Considerou então o terceiro jacarandá também que os ensinamentos de sua mestra sequoia não o levaram a lugar nenhum, nem ao que ele mais desejava para ser feliz. Cedendo à desesperança, supôs que os seus ensinamentos estavam errados, porque via diariamente disputas terríveis entre os pais das mudinhas. Também o terceiro jacarandá deixou para trás os ensinamentos de gratidão e de sabedoria que aprendera na infância.

Devido ao rancor no coração, por ter sido preterido, quando surgiam diante de si arbustos e plantas cansadas do sol, pedindo que as ajudasse a recobrar os ânimos, o jacarandá buscava em tudo dificultar a vida das árvores. Ignorava os pedidos e disputas que lhe traziam. Mesmo quando não havia nenhum problema, e os pais enviavam mensagens de amor às suas mudas para que entregasse a elas, a fim de que crescessem fortes, o terceiro jacarandá dizia que não dispunha de permissão para transmitir qualquer mensagem de amor a seus filhos. Para se vingar das tarefas que a frustravam, a árvore diminuía a importância de qualquer gesto de boa vontade e mantinha em toda oportunidade os problemas sem solução.



LA
19

De fato, quando havia discordância e acusações entre as árvores, esse jacarandá se empenhava em encontrar razões para que as acusações procedessem e os problemas saíssem de sua mesa; de propósito, deixava de esclarecer ambos os lados para que fosse possível construir consensos.

Quando lhe perguntavam:

— Por que assim procedes, com tanta crueldade e indiferença? Por que não atendes aos bons pedidos que vêm do coração das árvores? As árvores que aqui trazem seus pleitos querem resolver suas disputas, para que as diferenças não prossigam nem se transformem em mais prejuízos e falatórios; não desejam, quando aqui chegam, piorar ainda mais o conflito incluindo novas acusações, nem deveriam dar-se por satisfeitas apenas com punições; as árvores que aqui se apresentam buscam soluções para os seus conflitos favoráveis a ambos os lados.

E julgando-se acima dos demais, pelo seu cargo, o jacarandá respondia:

— Essas ervas daninhas não têm coração, seus assuntos não me interessam e apenas estou cumprindo com o dever do meu trabalho.

Várias mudas e árvores então cresceram sem o carinho dos pais no espaço do jardim, em meio a disputas e de um modo disperso, e com isso o jardim ficou menos bonito, mais triste. O arredor logo se empobreceu e se tornou um lugar desarborizado.

Desfecho

A Magister Sequoia, já velhinha, que morava ao sul, resolveu visitar seus alunos jacarandás, porque não lhe ligavam nem respondiam a suas cartas.

Quando chegou à rua que frequentava, avistou os jacarandás e notou que não havia uma flor sequer em seus galhos. Com a maldade que praticavam, a natureza não lhes havia concedido a graça inefável da floração.

Perguntou a eles o que havia ocorrido. Não estavam recordando de suas lições? Por que não sorriram ao se reencontrarem?

Os jacarandás, achando que a Magister Sequoia era idosa demais para dar alguma opinião, com ódio por sua professora ter assinalado a esterilidade de seus galhos, conversaram entre si e concordaram que aquela inconveniência merecia um processo por assédio ou ser enviada ao asilo, e mandaram que ela escolhesse qual das punições.

A Magister Sequoia, felizmente muito sábia, rapidamente se afastou daquela perfídia. Mesmo muito magoada, por seus ensinamentos não terem sido ouvidos, não desistiu de ser feliz, contudo: em plena aposentadoria voltou a dar aulas. Porque a verdadeira mestra é a vida: e essa mestra é leal até o fim. Desta vez, deu aula aos ipês-americanos, os quais nasceram junto de si, os quais a ouviam com maior atenção e carinho. Quando alguma plantinha precisava de sol ou de água, eles afastavam seus galhos uns dos outros, para que o sol pudesse passar lindo entre as folhas. Assim todos eles criaram uma copa iluminada! Os ipês não tinham ânimo nem disposição alguma para qualquer outra coisa que não fossem flores...

Ao verem a rua da velha e sóbria magister toda florida e ensolarada, no entanto, os jacarandás notaram o seu erro. Abriram as cartas que a mestra lhes havia enviado durante todos os longos anos que viveram. Seus corações amoleceram com o amor da mestra e finalmente floresceram todos os seus galhos de uma só vez, observando os conselhos que haviam aprendido.

Moral da história:

Jamais perca seu tempo com nada além de flores.

As seringueiras do circuito

Havia um parque no qual moravam muitas seringueiras. As suas sementinhas arrendadas, pintadas tais quais os casacos das onças, caíam do alto da copa das árvores e estalavam na brita moída que recobria os caminhos por onde as pessoas corriam e se exercitavam.

Uma menina gostava de ficar recolhendo por ali essas sementinhas, colocava-as todas dentro do saco, em sua coleção de sementes. Naquele dia havia encontrado apenas uma! Ora, essas, o que teria acontecido com as tantas sementes que costumavam cair das árvores todos os dias?

Caiu, repentinamente, um enorme temporal. A menina buscou um toldo para se proteger da chuva e ali estavam, diante de seus olhos, centenas de suas sementes favoritas, empilhadas num montinho! Ela até podia escolher quais queria levar para casa. Seus olhos brilharam!

Mas como estava chovendo muito, ela preferiu aguardar que a chuva passasse, porque se lembrava das recomendações de sua mãe, de não ficar dando sopa em meio à tempestade, pois havia sempre o risco de cair um raio.

Ela não achava que pudesse cair um raio em si, afinal, as tempestades do Norte raras vezes são elétricas; a verdade é que naquela região chove todo dia, e apenas sob trovões é que sabidamente se necessita de tanta precaução. Não havia lampejos. Uma tempestade comum de verão, com vento; em plena estação seca, uma bênção, essa era a conclusão dela. Talvez ela pudesse ir se esbaldar no monte de sementinhas?

Passou um moleque pedalando, na chuva, de bicicleta, e gritou para a menina, “Ah! Porque você não pega as sementes que o jardineiro empilhou, estão todas as sementes de que você necessita aí!”. E mostrou a ela um pacote que ele havia juntado sozinho. A menina observou e agradeceu pela gentil atenção do moleque. Mas as árvores, as seringueiras, que geralmente faziam algazarra, começaram a fazer uns sons meio ensaiados... E ficaram em silêncio.

Ela olhou para o alto, e as seringueiras olharam de volta para ela, de um modo perspicaz. Ela então respondeu ao menino:

— Ah, que ótimo! Mas eu já tenho uma semente aqui. Estou satisfeita com a minha semente.

O moleque insistiu:

— Mas veja, pegue logo essas sementes, tire o nozes-fora, apenas uma não vai te satisfazer... E está chovendo demais, pegue antes que alguém recolha!

— Certo, certo, vou pegá-las!

Mas a menina não moveu uma palha. O moleque, todo alegre e certo de que iria enganá-la, dava as voltas de bicicleta na chuva.

— Essas sementes estão tão bonitas, tão redondas! – sugeriu o menino.

A menina ponderou e agradeceu novamente.

— Obrigada, mesmo! Depois que passar a chuva, amigo, eu pego as sementes, está bem? Agora está meio conturbado, preciso dar uma olhada melhor nesse montinho para ver de que forma são essas sementes.

O menino ficou contente demais com a sua esperteza para perceber o teor da resposta dela, e foi-se embora na sua bicicleta nova.

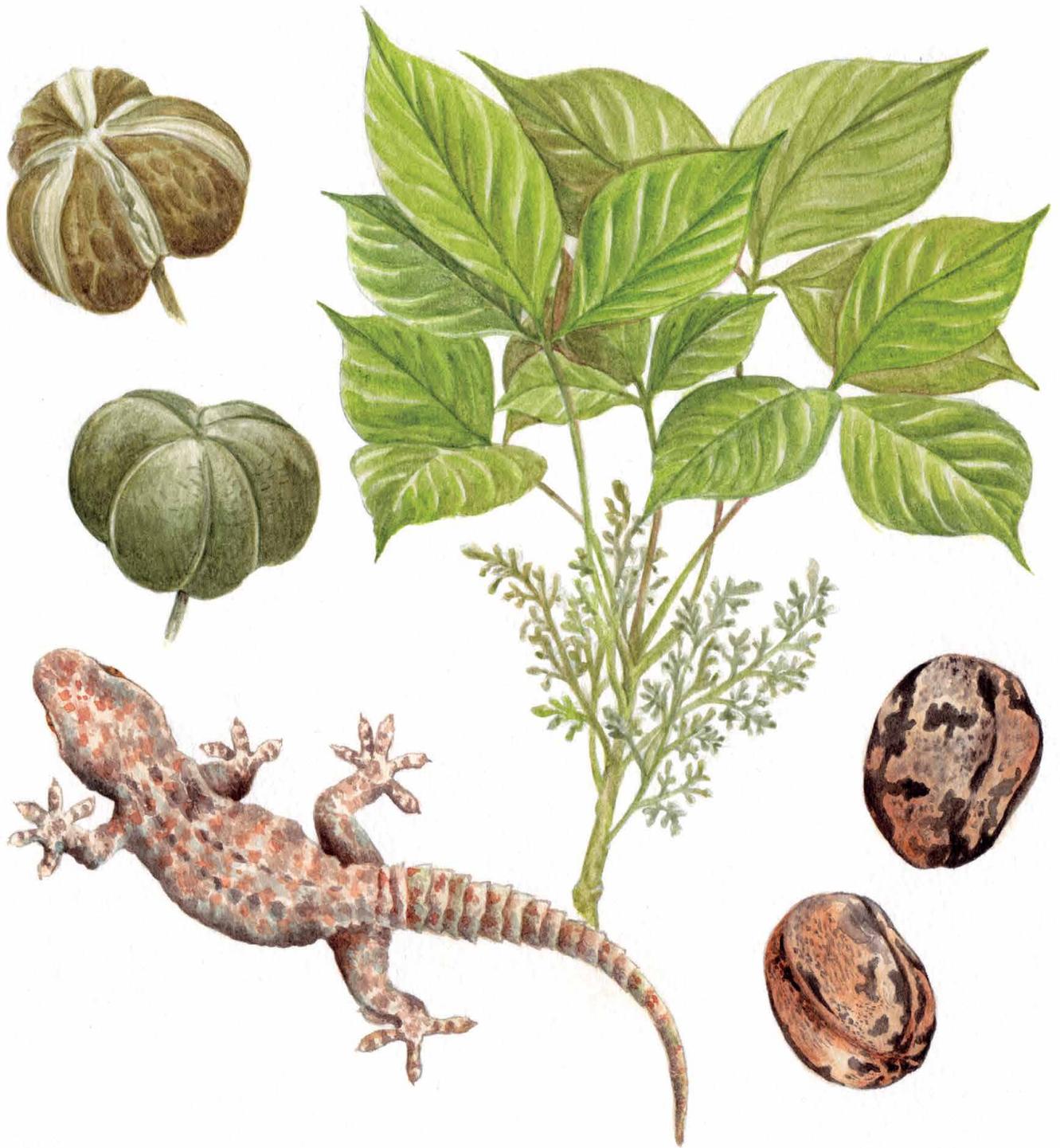
O jeito fortuito do menino e os sons das árvores a deixaram meio desconfiada. O que poderia haver debaixo daquela pilha de sementes? E se houvesse um monte de escorpiões? Aquele menino deveria ter mais juízo. Aliás, ele próprio não mexeu com as sementes de seringueira.

Depois que passou a chuvarada, ela então foi ver o monte. Pegou um graveto e cutucou as sementes. Sáíram dali bem umas dez osgas, que estavam escondidas sob o monte, e espalharam tudo pelos ares. Provavelmente haviam sido colocadas ali pelo moleque, para assustá-la? Ela não tinha medo de osgas, de todo modo. Uma osga é sempre sinal de boa sorte e um bom agouro.

O menino observou, enfezado, seu plano frustrado de assustá-la, ao que em seguida as seringueiras que o deduraram riram bastante.

Moral da história:

Mais vale uma semente de prudência na mão do que várias sementes de prestígio voando pelos ares.





A capuchinha imanente

Três vizinhos partilhavam uma fronteira de sítio. Os terrenos eram bem delimitados, e não havia disputas entre eles. Nessa zona fronteira se espalhava contente uma flor capuchinha, a qual se preocupava com que não houvesse disputas que prejudicassem a tranquilidade da região.

Depois de dez anos, num mesmo dia, os três vizinhos receberam, por coincidência, visitas importantes. Foram até o limite de cada uma de suas propriedades recolher a capuchinha, que, mesmo sendo tão simples, adorna pratos delicados, embelezando-os como um verdadeiro luxo.

Ao chegar até à planta, notaram que ela havia crescido proporcionalmente para cada um dos três sítios e aprazia uma quantidade suficiente de flores de capuchinha para todos os três vizinhos. Não tiveram, portanto, de discutir por quem a nobre planta tinha preferência, quem havia sido por ela beneficiado injustamente; tampouco brigaram ou pisotearam-na por acidente.

A capuchinha respirou aliviada e ficou satisfeita em saber que seu trabalho em valorizar de modo equânime todos os três vizinhos fora reconhecido e se revertera em seu próprio bem.

Moral da história:

Quem se prepara, não deve; quem não deve, não teme.

A paineira persistente

Uma paineira judia, muito apaixonada por suas sementes, envolveu cada uma delas com um cobertor macio de algodão, tão branquinho quanto a neve, tão leve quanto a pluma de um belo cisne. As sementes caíram no chão sem sentir nenhum impacto, e começaram a crescer, em meio a um tapete de paina que as protegia do sol do meio-dia. Depois de um ano, o jardineiro, como de hábito, as plantou devidamente num viveiro ao seu lado para que a árvore gigantesca não lhes fizesse sombra.

A fim de que crescessem fortes, a árvore-mãe lhe enviava suas folhas, que caíam úmidas do topo de sua copa sobre o solo para fertilizar e agradecer as mudas pequeninas. Contudo, a assistente do jardineiro via as folhas e as retirava com um rastelo. A paineira, tomada de fúria, ao ver seus filhos serem privados de algo que preparava especialmente para eles, conseguiu conter-se e reclamou polidamente. A assistente respondeu ríspida, alegando que não tinha autorização alguma para permitir que suas folhas alimentassem suas mudas. Explicou que receberiam um adubo qualquer comprado em supermercado.

Por que pelos céus aquela mulher se comprazia em negar algo tão simples? Sendo fêmea, não deveria entender ainda mais o pleito daquela árvore?

A paineira já adivinhava que não adiantaria discutir; soube controlar-se e direcionou o esforço que teria, ao reclamar da assistente fútil para o jardineiro, do jardineiro para o dono do viveiro e do dono do viveiro para o prefeito a um outro propósito mais útil. Juntou todas as folhas que deixava cair, preparou um adubo tal qual fazia aos seus filhos, acrescentou uma embalagem comercial de boa qualidade e o presenteou ao dono do viveiro.

As mudas, ao receberem no viveiro o alimento, logo se depararam com o alimento que a mãe tinha o hábito de lhes preparar em casa, quando pequenas, e cresceram mais fortes com todo aquele carinho embalado. De muito bom grado, o jardineiro determinou que a sua assistente aplicasse regularmente aquele adubo natural, vindo da própria paineira que originou as mudas.

Mas veio então um segundo obstáculo para que suas mudas crescessem bonitas. Um besouro gigante, metalizado, passou a aterrorizar a vizinhança de bombacáceas, as árvores familiares das paineiras. Com suas críticas, depositava seus parentes, verdadeiras larvas gigantes, por dentro dos galhos das paineiras, que à noite iam ganhando profundidade ao longo de seus caules, devorando a estrutura daquelas árvores macias e gentis por dentro.

A paineira mãe ficou desesperada. Foi até o botânico, comprou vacinas para seus filhos e para si a fim de prevenir a queda por causa daquele inseto gigante e de suas larvas. Duas



árvores morreram na cidade! A paineira chorava e então encareceu ao dono do viveiro que aplicasse a vacina em seus filhos.

O jardineiro, que era irresponsável, e pouco se importava com as mudas, disse que não era necessário dar vacina em árvore, e reafirmava que o remédio contra os besouros metálicos era a catação manual. Por outro lado, a assistente preguiçosa e indisposta não parecia nada inclinada a catar besouros gigantes.

Então a paineira, bem mãe judia, não desistiu. Tomou para si o encargo, cobriu-se ela mesma das vacinas e agitou todos os dias seus galhos com o vento vigorosamente, a fim de que o ar levasse sobre suas mudas todos os benefícios daquela prevenção. Assim o besouro não pôde depositar as larvas, e morreu de fome. As outras árvores achavam excessivo aquele comportamento materno: algumas das mudas não pegam, outras sim, e que pode fazer uma árvore de onde saíram suas sementes, quanto a isso? A despeito das observações que faziam as árvores menos cuidadas por suas mães, a seiva daquela paineira não cessava de correr em seu caule. As mudas das paineiras cresceram fortes e seguras, ornando de um rosa delicado toda aquela região. Repetindo os modos de sua mãe, continuaram a produzir a paina para acrescentar graça e leveza até mesmo ao mais natural dos eventos, que é o trajeto inevitável de uma semente do seu galho até o solo.

Moral da história:

Água mole, em pedra dura, tanto bate até que fura.





ANA PAULA ARENDT é o pseudônimo de R. P. Alencar, escritora, poeta e diplomata, em homenagem a Hannah Arendt e a Pablo Neruda, seus autores favoritos. Nasceu em 1980, em Rondônia. Diplomada em Relações Internacionais e Mestre em Ciência Política, trabalhou desde 2004 na área de Direitos da Infância e da Adolescência, antes de entrar para o Itamaraty, em 2008. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi. Morou em Porto Velho, em Rio Branco, próximo à tribo dos Kaxarari, em Brasília, em São Paulo, em Montevidéu e em Lomé, na República Togolesa, África, onde se encontra a capital da Nação Ewe, anteriormente Reino do Daomé. Hoje se encontra a serviço

do Brasil na cidade de Tegucigalpa, antiga cidade maia, em Honduras, onde reside.

Autora de livros infantis, de peças teatrais, de romances e de coletâneas de poemas. Publicou, dentre eles, "O Constituinte", obra premiada pela União Brasileira de Escritores-RJ na Academia Brasileira de Letras, publicada pela Editora Só Livro Bom. Foi presenteadada também com menção honrosa no Prêmio Maraã 2016 de Poesia, na Academia Paulista de Letras, pelo epitalâmio "As Veneráveis Virtudes do Homem", publicado pela Editora Chiodo. Poesia Reunida (2014-2018) é sua obra mais recente. Membro da Associação Nacional de Escritores (ANE), cadeira 33 da Academia Contemporânea de Letras (ACL), Membro da New York Academy of Sciences e eleita, em 2019, sócia-correspondente estrangeira na Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.

Escreve regularmente em seu sítio literário no site www.anapaularendt.com, lançado em 22 de abril de 2015.

LÚCIA ANTUNES é mestre em Ilustração Científica pelo Instituto Superior de Educação e Ciências e Universidade de Évora. Licenciada em Design de Comunicação (Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa). Frequentou cursos de ilustração científica na Fbault e no Instituto de Artes e Ofícios da Universidade Autónoma de Lisboa.

Membro da Guild of Natural Science Illustrators desde 2011 (participação em exposições, publicações e artigos). Participação em congressos de ilustração e comunicação de ciência desde 2012. Participação premiada em exposições nacionais e internacionais, a título individual e colectivo.

Ilustradora científica e designer freelance desde 2009, produzindo trabalhos para divulgação científica e peças comerciais. Professora assistente na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Vencedora do Primeiro Prémio, Casa das Ciências, Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal, 2013; Prémio do Público, Concurso Internacional Illustraciencia, Barcelona, Espanha, 2012 e Prémio Escolha do Público, GNSI Annual Member's Exhibit, Pei Ling Chan Gallery and Garden for the Arts, Savannah, Georgia, EUA, 2012.

www.luciaantunes.com
IG antunes_lucia

